

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Paula Melgaço da Rocha

**Internet e juventude:
Decifrando a diversidade desta relação**

Tese de Doutorado

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Psicologia Clínica) do Departamento de Psicologia da PUC-Rio.

Orientadora: Profa. Terezinha Féres-Carneiro

Rio de Janeiro
Março de 2020



Paula Melgaço da Rocha

**Internet e juventude: decifrando a
diversidade desta relação**

Tese apresentada como requisito parcial
para obtenção do grau de Doutor pelo
Programa de Pós-Graduação em
Psicologia (Psicologia Clínica) da PUC-
Rio. Aprovada pela Comissão
Examinadora abaixo.

Profa. Terezinha Féres-Carneiro

Orientadora

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Profa. Andrea Seixas Magalhães

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Profa. Daniela Romão Barbuto Dias

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Profa. Márcia Stengel

Departamento de Psicologia – PUC Minas

Profa. Nádia Laguárdia Lima

Departamento de Psicologia – UFMG

Rio de Janeiro, 27 de março de 2020.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e da orientadora.

Paula Melgaço da Rocha

Graduou-se em Psicologia na UFMG em 2010. Possui especialização em Estudos Diplomáticos pelo Centro de Direito Internacional (2012) e pós-graduação em Psicanálise com Crianças e Adolescentes pela PUC-Minas (2014). Possui Mestrado em Psicologia pela PUC-Minas (2015). Atuou como psicóloga no Serviço de Execução das Medidas Socioeducativas em meio aberto de Belo Horizonte e na Marinha do Brasil. Orientadora do curso de especialização em Políticas Públicas e Socioeducação-ENS/UNB (2018). Professora da especialização em Psicanálise: a clínica da criança e do adolescente – PUC Minas (2016). Atualmente, trabalha com o atendimento clínico de crianças e adolescentes.

Ficha Catalográfica

Rocha, Paula Melgaço da

Internet e juventude: decifrando a diversidade desta relação / Paula Melgaço da Rocha; orientadora: Terezinha Féres-Carneiro. – 2020.

93 f.; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, 2020.

Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Jovens. 3. Internet. 4. Refúgio. 5. Solidão. 6. Pertencimento. I. Carneiro, Terezinha Féres. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD: 150

Para todos os jovens que nos ensinam que a
vida não pode ser contada por uma história única.

Para o meu amado marido e companheiro de
aventuras. Para o meu filho que vai chegar: que
nunca lhe falte coragem.

Agradecimentos

Ao meu marido, por ter atravessado comigo esta caminhada, nem sempre fácil. Que não me deixou desistir, mesmo quando eu achava que não havia mais saída. Pelo seu amor, companheirismo e, principalmente, por acreditar em mim.

Ao meu pequeno, Gael, que tem enfrentando comigo os últimos passos desta jornada.

À professora Terezinha, por ter me adotado e me ensinado muitas coisas sobre a academia e sobre a vida. Levarei comigo, sempre, seus ensinamentos! Gratidão.

À minha mãe, pelo apoio, suporte e amor.

Ao meu padrasto, por me lembrar da “bacaneza da vida”.

Ao meu pai, pela força e por sempre acreditar.

Ao meu irmão, pela coragem e por não se contentar em ter uma vida ordinária.

Aos meus avós, Ivo, Luiza, Edna e Doca, pelo amor, cuidado e orações.

À professora Daniela Romão, por tudo que me ensinou e por suas palavras de conforto.

À professora Regina Murat, pela criatividade e leveza que dá à academia.

Às professoras Nádia Laguardia e Márcia Stengel, por terem sido minhas primeiras referências neste campo de estudo. À professora Jacqueline Moreira, por ter marcado o início da minha trajetória acadêmica.

À amiga Natália Cidade, pela parceria sem igual.

À Juliana Rodrigues, Cristiana Pondé, Paula Pegado, Luana Moura, Luciana Jaramillo, Amanda Londero, Suelen Buchaúl, Anna Fischer, Camila Leporace, Joana Chissini, Vanina Dias, Juliana Marcondes, Ilana Landim, Natália Iencarelli, Monica Viana e Viviane Giroto pelo acolhimento e boas risadas.

Ao professor Eduardo Santos, por ter me recebido em Portugal.

Aos colegas, professores e funcionários do departamento de Psicologia da PUC- Rio pelo apoio.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior- Brasil (CAPES)- Código de Financiamento 001.

Resumo

Rocha, Paula Melgaço da; Féres-Carneiro, Terezinha. **Internet e juventude: decifrando a diversidade desta relação.** Rio de Janeiro, 2020. 93p. Tese de Doutorado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O presente estudo teve como objetivo investigar as relações que os jovens estabelecem com a internet. Para tanto, foram entrevistados, no aplicativo WhatsApp, 6 jovens do sexo masculino, entre 18 e 24 anos, residentes no Rio Grande do Sul, São Paulo e Rio de Janeiro, das camadas médias da população, universitários ou recém-graduados, e usuários do YouTube. Foram também avaliados vídeos dos entrevistados. O material obtido foi analisado pelo método de análise de conteúdo em sua vertente categorial (Bardin, 2011). A partir das narrativas, emergiram quatro categorias de análise: *panorama geral da relação dos jovens com a internet; a internet como um lugar de refúgio; internet, juventude e pertencimento e internet, juventude e família*. A primeira categoria foi desdobrada em quatro subcategorias: *os primeiros passos na internet, a socialização nas redes sociais, produção de conteúdo e a internet como uma possibilidade de trabalho*. Já a segunda categoria de análise, deu origem a três: *anteparo contra a solidão, criação de um espaço idealizado e distração para os problemas*. A terceira categoria, por sua vez, foi desdobrada em três subcategorias: *homossexualidade: “calma, vai dar tudo certo”, autoaceitação: “seja você mesmo” e depressão: “não é só comigo”*. Finalmente, a quarta categoria deu origem a três: *conflitos familiares, como a família vê o uso da internet e a família representada pelos jovens*. Os resultados obtidos apontam que os usos que os jovens fazem da internet são variados e ultrapassam a concepção do senso comum de vício e adição. Começando na infância pela diversão com os games, início geralmente acompanhado de amigos e/ou familiares, passando pela interatividade e produção de conteúdo nas redes sociais, chegam ao uso da internet como profissão, especialmente por meio de canais criados no YouTube. Além disso, salienta-se que, embora o uso excessivo da internet possa causar prejuízos para a saúde mental e as relações sociais, é inegável que para alguns jovens, principalmente para aqueles que se consideram fora dos padrões sociais, se trata de um espaço imprescindível em que encontram apoio, informações e

conforto, além de um refúgio para os problemas e para a solidão. Por fim, os resultados indicam que a internet, além de funcionar como um espaço para trocas de experiências e tentativa de elaboração de embates que surgem no seio familiar, é palco de representações sobre a família e sobre a concepção dos jovens acerca dos papéis de gênero que ainda são norteadas por estereótipos que enquadram a mulher como aquela que cuida do lar e da educação dos filhos e o homem como o provedor de recursos financeiros.

Palavras-chave

Jovens; internet; refúgio; solidão; pertencimento; adolescentes; depressão; homossexualidade; família; redes sociais.

Abstract

Rocha, Paula Melgaço da; Féres-Carneiro, Terezinha (Advisor). **The Internet and youth: deciphering the diversity of that relationship.** Rio de Janeiro, 2020. 93p. Tese de Doutorado– Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This doctoral thesis aimed to investigate relationships that young people establish with the Internet. Six young male YouTube users aged between 18 and 24 who live in Rio Grande do Sul, São Paulo and Rio de Janeiro, who belong to the middle class and are college students or recent graduates were interviewed by WhatsApp. Videos made by interviewees were also evaluated. The content analysis method in its categorical aspect was used to analyze data obtained (Bardin, 2011). Four analysis categories were established based on their narratives: *Overview of the relationship between young people and the Internet*; *The Internet as a place of refuge*; *The Internet, youth and belonging* and *The Internet, youth and family*. The first category was divided into four subcategories: *First steps on the Internet*, *Socialization on social networks*, *Content production* and *The Internet as a work opportunity*. The second category is made up of three subcategories: *A shield against loneliness*, *The creation of an idealized space*, and *Distraction from problems*. The third category, in turn, was broken down into three subcategories: *Homosexuality: “relax, it’s going to be alright”*, *Self-acceptance: “be yourself”* and *Depression: “it’s not just me”*. Finally, the fourth category was divided into three subcategories: *Family conflicts*, *How the family sees Internet use*, and *The family represented by young people*. Results show that the way young people use the Internet varies and goes beyond the common-sense concept of addiction. It starts in childhood with having fun with games, usually with friends and/or family members, then interactivity and content production on social networks, and eventually they use the Internet to make a living by creating channels on YouTube. In addition, we emphasize that although excessive use of the Internet may cause damage to mental health and social relations, it may not be denied that for some young people, especially those who consider they do not meet social standards, it is an essential space where they find support, information and comfort, as well as a refuge from problems and loneliness. Finally, results show that the Internet is not only used as a space to share experiences and to reflect on family conflicts, but that it is also a stage of representations of the

family and of the young people's concepts of gender roles, which are still defined by stereotypes, such as 'women are in charge of home and children' and 'men are providers of financial resources'.

Keywords

Youth; Internet; refuge; loneliness; belonging; adolescents; depression; homosexuality; family; social networks.

Sumário

1. Introdução.....	13
2. Juventude e internet: da socialização à produção de conteúdo	17
O jovem e a tecnologia digital	19
Método	24
Sujeitos	24
Instrumento	24
Procedimento.....	24
Resultados e discussão	25
<i>Os primórdios: primeiros passos na internet.....</i>	25
<i>Redes Sociais.....</i>	27
<i>Produção de conteúdo.....</i>	29
<i>Internet e trabalho.....</i>	30
Considerações finais.....	31
3. A internet como um lugar de refúgio para os jovens.....	33
Respostas dos adolescentes à civilização do leve: a internet como uma possibilidade	38
Método	40
Sujeitos	40
Instrumento	40
Procedimento.....	40
Resultados e discussão	41
<i>Anteparo para a solidão.....</i>	41
<i>Criação de um espaço idealizado: revivendo a onipotência</i>	43
<i>Distração para esquecer os problemas</i>	44
Considerações finais.....	45
4. “Ser alguém em algum lugar”: internet, juventude e pertencimento	48
Método	56
Sujeitos	56
Instrumento	56

Procedimento.....	57
Resultados e discussão	57
<i>Homossexualidade: “calma, vai dar tudo certo”</i>	57
<i>Autoaceitação: “Seja você mesmo”</i>	60
<i>Depressão: “não é só comigo”</i>	61
Considerações finais.....	63
5. Juventude e internet: a família em cena	66
Uso x interferência da tecnologia na dinâmica familiar	69
Papéis de gênero: a percepção dos jovens	72
Método	73
Sujeitos	73
Instrumento	73
Procedimento.....	73
Resultados e discussão	74
<i>Conflitos familiares</i>	74
<i>Como a família vê o uso da internet</i>	75
<i>Representações da família nos vídeos</i>	77
Considerações finais.....	78
6. Conclusão.....	81
7. Referências bibliográficas.....	84

Tudo passa e tudo fica
porém o nosso é passar,
passar fazendo caminhos
caminhos sobre o mar
Nunca persegui a glória
nem deixar na memória
dos homens minha canção
eu amo os mundos sutis
leves e gentis,
como bolhas de sabão
Gosto de ver-los pintar-se
de sol e graná voar
abaixo o céu azul, tremer
subitamente e quebrar-se...
Nunca persegui a glória
Caminhante, são tuas pegadas
o caminho e nada mais;
caminhante, não há caminho,
se faz caminho ao andar
Ao andar se faz caminho
e ao voltar a vista atrás
se vê a senda que nunca
se há de voltar a pisar
Caminhante não há caminho
senão há marcas no mar...
Faz algum tempo neste lugar
onde hoje os bosques se vestem de espinhos
se ouviu a voz de um poeta gritar
"Caminhante não há caminho,
se faz caminho ao andar"...
Golpe a golpe, verso a verso...
Morreu o poeta longe do lar
cobre-lhe o pó de um país vizinho.
Ao afastar-se lhe vieram chorar
"Caminhante não há caminho,
se faz caminho ao andar..."
Golpe a golpe, verso a verso...
Quando o pintassilgo não pode cantar.
Quando o poeta é um peregrino.
Quando de nada nos serve rezar.
"Caminhante não há caminho,
se faz caminho ao andar..."
Golpe a golpe, verso a verso
Antônio Machado

1. Introdução

"Os avanços em discussão não são intrinsecamente bons ou ruins, mas também não são neutros, como sugeriu Krancberg (1986). Esses desenvolvimentos às vezes podem apoiar o trabalho analítico, quer através do meio que eles oferecem para a terapia à distância, com todas as suas muitas ressalvas, mas também através do uso feito por pacientes deste 'espaço' na nova mídia, que prevê a elaboração de experiências físicas e psíquicas" (Lema, 2017, p.6, tradução nossa).

Desde os primórdios da história, o ser humano cria, inventa e aprimora o meio que o cerca, criando novas tecnologias que, inevitavelmente, promovem mudanças individuais e coletivas. Da descoberta do fogo, passando pela energia a vapor e pela energia elétrica, até a as recentes tecnologias da informação, todas essas inovações alteraram o modo de vida do homem. Segundo Nicolaci-da-Costa (2002), reconhecer alterações de comportamentos e de costumes não é a tarefa mais complicada, já que observar como as tecnologias atravessam a subjetividade parece ser o maior desafio. Esta autora faz um comentário importante, tendo como base a obra de Castells, que se refere às principais características comuns às diferentes revoluções importantes que envolveram a tecnologia, a saber: a velocidade e amplitude das mudanças e o vasto alcance das novas tecnologias tanto ao sistema econômico como à sociedade em geral. É interessante salientar que, conforme Dang Nguyen e Lethiais (2016), as transformações tecnológicas não ocorrem ao acaso, uma vez que parecem responder às reorganizações sociais. Por exemplo, a internet foi criada num momento em que os indivíduos, morando em grandes metrópoles, além do crescimento da mobilidade geográfica, passaram a se sentir mais solitários.

Os adolescentes como seres imersos na chamada cultura *always on* -sempre on-line- (Robb & Vennegaard, 2019) não passam ilesos por essas mudanças, sendo os indivíduos que, inclusive, as deixam ainda mais evidentes. Como bem apontam Guerra et al. (2017): "Sabemos que o jovem e o artista são aqueles que antecipam algo de seu tempo, que introduzem o novo na tradição, capazes que são de captar no ar aquilo que apenas começa a pairar em sua época" (p.12). Não é sem razão que os jovens entre 15 a 24 anos fazem parte do grupo mais conectado, pois 71% destes têm acesso à internet (Unicef, 2017), ou seja, têm experimentado as diversas possibilidades que o ciberespaço oferece.

É imprescindível destacar que este estudo parte de uma concepção não linear de desenvolvimento que considera os efeitos sociais na definição da

adolescência. Isso equivale a dizer que a revolução digital trouxe novidades, como a velocidade com que as informações circulam, o maior tempo de escolarização e o consequente adiamento da entrada no mercado de trabalho, que levam os estudiosos sobre o assunto a pensarem no prolongamento da adolescência (Le Breton, 2017; Morris J. L. Stambler, 2017; Sawyer; Azzopardi; Wickremarathne & Patton, 2018). Sawyer, Azzopardi, Wickremarathne e Patton (2018) propõem uma ampliação da faixa de idade na qual estariam enquadrados os adolescentes: entre 10 a 24 anos.

Instigada por seu trabalho clínico no consultório, principalmente por adolescentes que encontram saídas subjetivas saudáveis na internet, a autora do presente trabalho iniciou sua jornada com o objetivo de investigar fenômenos como os atravessamentos da tecnologia no setting terapêutico, as invenções criativas dos jovens na internet ou como a psicanálise tem pensado a relação do ser humano com as novas tecnologias. O caso de Eduarda¹ retrata bem a curiosidade inicial que movia a autora. A adolescente tinha o hábito de escrever um diário, porém, após sucessivas violações da genitora, passou a fazer anotações sobre sua vida em papéis avulsos e nos cadernos da escola. Tal mudança não foi suficiente para barrar a mãe, que seguia invadindo a privacidade da filha. Eduarda considerava a escrita como um momento absolutamente privado, no qual podia separar-se, em certa medida, de sua mãe e expor seus desejos e questões mais íntimas. Diante da intromissão materna, a adolescente decidiu, então, criar um usuário no Tumblr - uma rede social de blogs -, onde começou a escrever livre da interferência materna, já que a genitora não sabia como ter acesso a essa rede social. Eduarda criou, assim, um espaço singular e autêntico em que podia trocar ideias com outras adolescentes sobre diversas questões, tais como sexualidade, futuro profissional, amizade, dificuldades para lidar com os pais, entre outros tópicos que não desejava dividir com sua família. Na medida em que construiu um refúgio para suas ideias e sentimentos na internet, Eduarda parece ter encontrado um espaço neutro, fora do olhar e da ingerência maternos e que lhe propiciava uma experiência de tranquilidade e relaxamento.

Cabe destacar que autores como Lema (2017), Lema e Caparrotta (2014), Frederique, Mazoyer e Marjorie (2016), Tisseron (2007; 2015) e Turkle (1997;

¹ Nome fictício.

2011; 2012) já estavam tentando pensar, utilizando a teoria psicanalítica, os atravessamentos da internet em diversas instâncias da vida dos jovens. Por exemplo, Tisseron (2007) considera que a conexão que os adolescentes estabelecem com o mundo virtual pode ser tanto uma tentativa de autoterapia, como um comportamento compulsivo que aponta para o medo do futuro. O psicanalista defende a existência de três acepções sobre o virtual: a primeira estaria relacionada com uma oposição àquilo que é atual, isto é, com um futuro em potência; a segunda concerne a uma noção especial que entende o virtual como o presente, o aqui e agora. Por fim, a terceira diz respeito à imaterialidade do virtual, isso equivale a dizer que, nesse caso, o virtual faria um contraste com o corporal. Além disso, Frederique, Mazoyer e Marjorie (2016), citando Faure-Pragier (2003), enunciam que o virtual teria a função de teste, de uma simulação de uma situação inédita e assustadora antes que essa tenha que ser enfrentada de fato.

Todas as acepções descritas no parágrafo anterior apontam para uma gama enorme de possibilidades e funções que o virtual pode assumir, não só na adolescência como na vida de um adulto. Ratificamos a posição de Cervo (2103) quando esta afirma que nem a tecnofilia (excesso de conexão), nem a tecnofobia (aversão à tecnologia) são posições interessantes diante das crianças e adolescentes. Na primeira, porque perdemos a lógica da subjetividade e, na segunda, porque deixamos os jovens desamparados, a mercê dos perigos do mundo virtual. Portanto, de acordo com os dados da Common Sense Media (2018): “os dias em que podíamos falar sobre um efeito singular que a mídia social tem nos adolescentes já passaram faz tempo, seu papel na vida dos jovens é complexo, repleto de nuances e variado” (p. 57, tradução nossa). Isto é, é impossível dizer que a internet tem o mesmo significado e os mesmos efeitos para todos os jovens (Sugarman, 2017).

Para ilustrar a abrangência da internet na vida dos jovens, destaca-se, por um lado, os benefícios associados ao uso de redes sociais por esse público, como o acesso à informação, a consolidação de canais de expressão e de valorização das identidades e o estabelecimento e a manutenção de relações. Por outro lado, a maior presença dos adolescentes nessas plataformas os deixa expostos a mais

riscos, a saber: cyberbullying, aumento de sintomas ligados à ansiedade e à depressão, dificuldade de se desconectar, entre outros (CGI.br, 2019).

Não se pretende demonizar ou idolatrar a tecnologia, mas evidenciar as várias facetas que envolvem a relação dos jovens com seus recursos. Apesar de o objetivo inicial da autora ter sofrido alterações, sobretudo depois das entrevistas realizadas, esta posição se manteve. Além disso, são utilizados autores da psicanálise, tais como Mendes (2015), Sugarman (2017), Romão-Dias e Nicolacida-Costa (2012), Tisseron (2015) Turkle (1997, 2011, 2012) Winnicott (1975), entre outros, que, por sua vez, estabelecem diálogos profícuos com as ciências sociais (Lipovetsky, 2016; Le Breton, 2017; Unicef, 2017) .

Diante do exposto, o objetivo geral desta investigação é estudar as relações que os adolescentes estabelecem com a internet. Para alcançar tal objetivo, esta tese será apresentada em formato de quatro artigos. O primeiro artigo intitulado “Juventude e internet: da socialização à produção de conteúdo” tem como finalidade analisar os usos que os jovens fazem da internet, a despeito de valorações positivas ou negativas. Já o segundo trabalho, “A internet como um lugar de refúgio para os jovens”, investiga o papel da internet como um abrigo que oferece amparo e também válvulas de escape. O terceiro artigo, por sua vez, cujo título é “‘Ser alguém em algum lugar’: internet, juventude e pertencimento”, tem como propósito investigar a função da internet como um espaço de pertencimento para os jovens. Finalmente, o quarto artigo, “Juventude e internet: a família em cena, almeja investigar como as questões familiares são abordadas pelos jovens na internet.

2. Juventude e internet: da socialização à produção de conteúdo

Resumo: O objetivo deste trabalho é analisar os usos que os jovens fazem da internet. Foram entrevistados, no aplicativo *WhatsApp*, 6 jovens do sexo masculino, entre 18 e 24 anos, residentes no Rio Grande do Sul, São Paulo e Rio de Janeiro, das camadas médias da população, universitários ou recém-graduados, e usuários do *YouTube*. Foram também avaliados vídeos dos entrevistados pelo método de análise de conteúdo. Os resultados obtidos apontam que os usos que os jovens fazem da internet são variados e ultrapassam a concepção do senso comum de vício e adição. Começando na infância pela diversão com os games, início geralmente acompanhado de amigos e/ou familiares, passando pela interatividade e produção de conteúdo nas redes sociais, chegam ao uso da internet como profissão, especialmente por meio de canais criados no YouTube.

Palavras-chave: Jovens; internet; redes sociais.

Abstract: This paper aims to analyze in what ways young people use the Internet. The WhatsApp application was used to interview six young men between 18 and 24 years old from Rio Grande do Sul, São Paulo and Rio de Janeiro who belonged to the middle class, were either college students or had recently graduated, and are YouTube users. We also evaluated respondents' videos by means of the content analysis method. Results show that the use of the Internet by young people is varied and goes beyond the common-sense concept of bad habit and addiction. They started using games for fun in their childhood, usually in the company of friends and/or family members, then developed skills in interactivity and content production on social networks and finally made the Internet their profession, especially in the form of channels they created on YouTube.

Keywords: Young adults; Internet; social networks.

Os conceitos de adolescência e juventude são invenções recentes que começaram a consolidar-se, no século XIX, como tempo de despertar e de conflitos, principalmente, com o advento da Revolução Industrial e com a consequente estabilização econômica. Como resultados do processo de industrialização que contribuíram para a solidificação do conceito de adolescência aponta-se a obrigatoriedade da inserção na instituição escolar e as modificações nas relações familiares, tal como a inserção da mulher no mercado de trabalho e o adiamento da saída dos filhos das casas de seus pais (Le Breton, 2017). Cabe ressaltar que a expressão adolescência foi utilizada, pela primeira vez, com a ascensão do Estado Moderno, destacado por Rousseau cujo olhar estava focado nessa fase da vida como um momento de crise (Matheus, 2010). Concepção que ainda prevalece, uma vez que a juventude é estigmatizada, tendo como possível interpretação a ideia de um momento turbulento que é lido, em termos de impactos na sociedade, por meio de dois polos opostos: prejuízo ou esperança.

A sociedade da informação, em especial a tecnologia digital, vem promovendo mudanças variadas e rápidas na concepção acerca desse período, especialmente em relação a seu término (Le Breton, 2017; Stambler, 2017; Sawyer; Azzopardi; Wickremarathne & Patton, 2018). Dentre os principais motivos para a indefinição do fim da adolescência estão a velocidade com que as mudanças têm acontecido, a ampliação do tempo de escolarização, o adiamento do casamento e da paternidade, a ausência de rituais que demarcam de forma concreta a entrada na vida adulta, a dissolução de tradições, além da dificuldade de estabelecer-se financeiramente. De acordo com Stambler (2017):

A revolução digital trouxe novas tensões e pressões, estendendo-a ainda mais. Arnett propôs que uma outra fase, a idade adulta emergente, seja introduzida entre a adolescência e o início da idade adulta (p.22, tradução nossa).

Sawyer et. al. (2018) propõem uma ampliação da faixa de idade da adolescência de 10 a 24 anos. Desse modo, não só seu encerramento seria postergado, como o seu início antecipado, por causa da chegada da puberdade que se tem dado cada vez mais cedo. A flexibilização dos padrões estabelecidos para o desenvolvimento humano é um ponto que vem sendo discutido por diversos estudiosos do tema, incluindo autores que trabalharam a ideia de desenvolvimento da forma clássica, isto é, linear e baseada em estágios pré-determinados (Blos 1962; Erickson, 1968; Keniston, 1973; Stambler, 2017). Ainda que suas teorias

sejam fundamentadas em estágios definidos, estes se viram diante de mudanças sociais que os instigaram a criar uma categoria intermediária nomeada, respectivamente, como: adolescência tardia, juventude e pós-adolescência. Arnett (2000, 2007) e, posteriormente, Stambler (2017), apresentam o conceito de adultez emergente, por meio do qual propõem que a noção de desenvolvimento deve ser trabalhada de forma mais dinâmica e menos rígida. Le Breton (2017) corrobora essa noção de desenvolvimento mais flexível:

Para outros pesquisadores, a adolescência seria o período que dá acesso à juventude, mas, nos mundos contemporâneos que coexistem hoje, uma tal cronologia das idades não é muito pertinente, mesmo que a escolarização obrigatória imponha especialmente uma longa moratória. A adolescência tem se tornado cada vez mais precoce e comportamentos qualificados de “adultescentes” atingem jovens que, algumas vezes, já ultrapassaram em larga medida os trinta anos. (Le Breton, 2017, pp.20-21).

Assim, com base no exposto, será adotada tal concepção, considerada mais coerente com a contemporaneidade. Uma das consequências de tal escolha é a não distinção entre adolescência e juventude, momento em que a internet torna-se mais convidativa para que o indivíduo experimente e teste variadas possibilidades identitárias e de relacionamentos (Turkle, 2011; Connolly, 2016).

O jovem e a tecnologia digital

O jovem contemporâneo, além de sentir prazer nas atividades que executa on-line, habita vários espaços por meio de sua escrita, de sua imagem e de sua voz, isto é, seu corpo passa a estar presente no ciberespaço de um modo peculiar. Como bem o disse Turkle (2012), em conferência organizada pelo TED (Technology, Entertainment, Design), o ser humano é indiscutivelmente afetado pela tecnologia, a ponto de haver alterações significativas em sua subjetividade e comportamentos. Com os adolescentes não seria diferente, já que a centralidade do ambiente digital em suas vidas é marcante (Melgaço, 2017). Assim, para eles, não há sentido em diferenciar vivências do mundo digital daquelas vividas fora do ciberespaço, tendo em vista que ambas passam a ter a mesma relevância.

Geração Smart (Martel, 2015), Millenials -22 a 35 anos, Geração Z -14 a 21 anos (Pew Research Center, 2018a), Nativos Digitais (Palfrey & Gasser, 2011), entre outros, um dos pontos comuns de tais nomeações é o fato de que os indivíduos que nelas se incluem começaram a utilizar a internet já nos primeiros anos da infância (Contonho & Rosseti, 2016; Connolly, 2016). No Brasil, dados

revelam que 11% das crianças acessaram a internet antes dos 6 anos, 7% aos 7 anos, 10% aos 8 anos, 9% aos 9 anos, 13% aos 10 anos e 10% aos 11 anos (Comitê Gestor da Internet no Brasil- CGI.br, 2019). Já pesquisa da Common Sense Media (2017) indica que o tempo que as crianças passam conectadas em dispositivos móveis aumentou consideravelmente. Em 2011, crianças de até 8 anos passavam 15 minutos em 2013, já em 2017 esse número cresceu para 48 minutos, além do tempo que dispendem em outras mídias como a televisão, computador e vídeo game. Dentre as primeiras atividades on-line em que se envolvem estão jogos, filmes e vídeos e música.

A redução da idade de iniciação aos recursos da tecnologia digital e do tempo que as crianças passam conectadas contribuem para que haja uma diluição natural das fronteiras entre os mundos on-line e off-line, o que caracteriza a internet como um espaço híbrido, ou seja, um lugar localizado entre o ciberespaço e o espaço urbano (Castells, 2013), uma parte significativa da vida cotidiana e não somente mais uma possibilidade (Shirky, 2011).

Palfrey e Gasser (2011) dizem ainda que os adolescentes de nosso tempo são diferentes dos indivíduos das outras gerações, inclusive de seus pais, principalmente porque fazem quase tudo conectados à internet: leem, namoram, lutam por seus direitos, se divertem, estudam, fazem compras, visitam museus e lugares remotos do planeta, entre outras atividades. Desse modo, não é raro encontrar pelas ruas e espaços da cidade adolescentes conectados. Eles estão em todos os lugares: nas escolas sempre prontos para “dar um Google” em termos ou assuntos citados pelos professores; nas praças conversando com amigos e tirando selfies, em seus quartos jogando on-line; nas academias de ginásticas em busca das melhores receitas para emagrecer ou dos melhores suplementos para atingirem o corpo desejado; e em espaços de coworking construindo plataformas para unir pessoas em torno de causas comuns como o empoderamento feminino e a preservação da natureza. São inúmeros os exemplos de usos e de espaços nos quais é possível se deparar com indivíduos nessa faixa etária plugados em seus smartphones, tablets e notebooks.

As modificações na forma como veem, interpretam e se relacionam com o ambiente em que estão inseridos; as novas possibilidades de estabelecer laços com o próximo; o fascínio pelo ciberespaço e a influência na construção da identidade são algumas das alterações apontadas pelos adolescentes como decorrência dessa

nova forma de interação com o mundo, intermediada pela tecnologia, revelando que ela pode favorecer a construção de laços sociais, a investigação, o autoconhecimento, a exploração de novos horizontes, além de possibilidades de lazer e desenvolvimento do pensamento crítico e da criatividade (Connolly, 2016). É de fundamental importância explicitar que os jovens usam tais aparatos para estabelecer relações tanto com pessoas próximas como para fazer novas amizades (Dang Nguyen & Lethiais, 2016). Conforme Ponte (2017), as relações via redes sociais, além de fortalecerem laços, fazem com que os jovens se sintam parte de um grupo com o qual se identificam. Já Dias (2016) dá ênfase à capacidade que a internet tem de inaugurar perspectivas inéditas de lazer, informação e socialização para os jovens, descortinando ser um espaço em que é possível a existência de colaboração, a construção de um sentido novo de vida e fonte de contatos benéficos para ditos indivíduos:

Com diversas possibilidades de se inserir no mundo adulto, essa tecnologia de comunicação e lazer traz ao adolescente mais um espaço onde a necessidade de afirmação subjetiva e social pode se efetivar. Nas salas de bate-papo, blogs, sites, programas de comunicação on-line e redes sociais, o adolescente, além de reinventar a língua, criando novas expressões e formatos para a fala, cria também novas formas de relação com o outro (Dias, 2016, p.23).

Embora a internet tenha sido inicialmente criada com o intuito de viabilizar a troca de informações práticas, as necessidades da sociedade fizeram com ela mudasse de rumo (Turkle, 2011). Muito se tem discutido, recentemente, acerca do estatuto da socialização através das redes sociais. Dang Nguyen e Lethiais (2016), ao examinarem a evolução das formas de socialização ao longo da História, comentam que a sociedade moderna promoveu uma série de mudanças nas relações sociais, tais como a migração para grandes metrópoles e a mobilidade geográfica dos profissionais, produzindo um maior isolamento dos indivíduos. Nesse sentido, os meios de comunicação via internet respondem, de certa forma, a tal retraimento social, criando uma alternativa compensatória para a diminuição do contato face-a-face, isto é, uma forma de socialização mediada pelos smartphones com seus mais variados aplicativos. Um simples aparelho que cabe no bolso, contudo consegue quebrar barreiras geográficas e temporais (Fundação Telefônica Vivo, 2016).

Outra leitura interessante acerca do sucesso da internet diz respeito ao modo como a sociedade lida com dificuldades e mudanças. Por exemplo, Shirky

(2011) relata que, no período da revolução industrial, especialmente em Londres, a população mostrou-se perdida e confusa diante de tantas mudanças, resultado: começaram a consumir um produto barato e anestésico, o gim. Uma maneira de sobreviver ao caos da nova vida urbana e aos novos modos de trabalho. Nesse sentido, o clima social facilitou a construção de tal saída. O mesmo aconteceu com a televisão, recurso cuja função foi similar à do gim e que caiu como uma luva para resolver a questão de tempo livre que passou a fazer parte dos dias da população. O sucesso da internet também se configura como uma reação da sociedade: o excesso de trabalho, a dificuldade de locomoção nas grandes cidades e a rapidez com que as relações se constroem e terminam são exemplos de embaraços para os quais a tecnologia oferece recursos atraentes.

Gim, televisão, internet, tudo isso é lido por muitos como o problema em si, desconectado da cultura. Contudo, Shirky (2011) propõe que seriam uma “reação ao problema” (p.94), ou seja, uma resposta da sociedade às mudanças na cultura, às angústias de cada época. A internet, no entanto, parece trazer algo novo, na medida em que abre espaço para que as pessoas criem algo com seus excedentes cognitivos, com o tempo livre do qual dispõem. Da participação passiva, especialmente presente na relação com a televisão, a produção de conteúdo, a disseminação de ideias via redes sociais e a possibilidade de contato social e engajamento em causas importantes. Os indivíduos tornaram-se, portanto, participantes: “participantes são diferentes. Participar é agir como se sua presença importasse, como se, quando você vê ou ouve algo, sua resposta fizesse parte do evento” (Shirky, 2011, p.304). Tudo isso revela uma passagem clara na internet, devido à ascensão da web 2.0 e web 3.0, da pura busca por informações para a comunicação e estimulação de produção de conteúdo (Martel, 2015).

De acordo com os dados colhidos pela Fundação Telefônica Vivo (2019), 97% dos jovens brasileiros possuem pelo menos uma conta em outras redes sociais, com prevalência do WhatsApp e Facebook. Já pesquisa produzida pelo Pew Research Center (2018a) aponta que as principais redes utilizadas pelos jovens americanos são o Facebook e o Youtube, além de Instagram, Twitter e Snapchat- estes especialmente pela população até 24 anos. Quando o assunto é o Youtube- plataforma para compartilhamento de vídeos lançada em 2005 cuja missão é “é dar a todos uma voz e revelar o mundo” (Youtube, 2019) - cada vez mais, indivíduos comuns têm se tornado conhecidos, seja por suas opiniões, por

vezes polêmicas, atuações e invenções no mundo da internet: 35% dos jovens entrevistados pela Fundação Telefônica Vivo (2019) possuem canais de vídeos e/ou de podcasts. Da periferia aos grandes centros urbanos, qualquer um pode pegar uma câmera e fazer um vídeo, por exemplo. Moda, maquiagem, jogos, saúde, política, relatos autobiográficos, vídeos de comédia e com conteúdo motivacional, estes são os principais temas de interesse desse público no Youtube (Boyd, 2014; Fundação Telefônica Vivo, 2019).

A segunda versão da pesquisa Juventude Conectada (Fundação Telefônica Vivo, 2016) dividiu os jovens brasileiros que utilizam a internet em três grupos: o opinativo, o observador e o excessivo. Aquele refere-se aos jovens que gostam de opinar nas redes sociais sobre fatos e notícias. Já esse diz respeito somente aos que se interessam por observar a vida alheia, principalmente, pelo receio de entrarem em conflito com os amigos e/ou não se sentirem acolhidos. Por fim, este comporta os usuários que postam o que querem sem se importar com a segurança ou com o ponto de vista dos demais. Tais grupos ilustram de forma sucinta a constituição da chamada “cultura participativa”, potencializada pelo surgimento das novas mídias, já que até a chegada da televisão a produção de conteúdo era restrita a um grupo reduzido de pessoas, em geral profissionais. Na atualidade, qualquer um é um possível produtor e disseminador de conteúdo (Shirky, 2011). Dados recentes revelam que 80% dos jovens participantes da pesquisa “Juventudes e Conexões” produzem e/ou postam conteúdo nas redes sociais (Juventude Telefônica Vivo, 2019).

Além da expectativa de serem assistidos por milhares de seguidores, muitos adolescentes acabam fazendo da internet uma profissão. Ser *Youtuber* ou *Influencer Digital*, expressões criadas pelo mercado para dar nome a uma nova profissão desenvolvida por meio dos recursos oferecidos pela internet, tornou-se o sonho de muitos jovens que almejam conquistar visibilidade, além de construírem suas carreiras profissionais na internet, produzindo conteúdo para o público. Dentro da nova concepção de “economia criativa”, a criatividade passa a ser a moeda que move a economia, por meio do compartilhamento de novas ideias dos modos mais variados (Nicolaci-da-Costa, 2011). Segundo dados do Google, apresentados em uma matéria publicada na Folha de São Paulo (2019), o Brasil é o segundo país com maior tempo de visualização de vídeos on-line, ficando atrás somente dos Estados Unidos. Uma das Youtubers citadas pela matéria, Gabbie

Fadel, afirma ter encontrado o trabalho dos sonhos, que sempre quis, desde criança, mas que ainda não existia. Por fim, a matéria cita um dado que deixa clara a relevância da plataforma Youtube no Brasil: dos 100 canais que mais influenciam seguidores no globo, 24 são brasileiros.

À primeira vista, poder-se-ia pensar, em especial aqueles mais saudosos dos tempos em que a tecnologia ainda não fazia parte da rotina com tanta magnitude e pujança, que as transformações promovidas na vida dos adolescentes pela tecnologia digital os tornaram preguiçosos, irresponsáveis, despreocupados com o futuro e desinteressados das tradições e conhecimentos transmitidos por suas famílias e professores. É claro que não se pode desconsiderar que, em certa medida, o uso excessivo de tais aparatos e de seus recursos podem resultar num empobrecimento da capacidade reflexiva e das relações sociais (Dias, 2016; Lima, 2006; Prioste, 2016). Embora esse lado da tecnologia seja evidente, o objetivo do presente artigo é analisar os usos que os jovens fazem da internet, a despeito de valorações positivas ou negativas.

Método

Sujeitos

Na presente investigação foram entrevistados 6 jovens do sexo masculino (nomeados como entrevistados de 1 a 6), entre 18 e 24 anos, residentes no Rio Grande do Sul, São Paulo e Rio de Janeiro, das camadas médias da população, universitários ou recém- graduados, e usuários do YouTube.

Instrumento

Foram realizadas entrevistas no aplicativo What'sApp, por meio de áudios, com roteiro semiestruturado invisível, elaborado anteriormente a partir dos seguintes eixos temáticos: ferramentas mais utilizadas na internet, lugar que a internet ocupa na vida dos entrevistados e a função da internet na construção de resoluções de conflitos, especialmente os familiares. Além disso, foram analisados dois vídeos de cada entrevistado, indicados pelos mesmos como os mais representativos das questões discutidas ao longo da entrevista.

É imprescindível dizer que a escolha por efetuar a entrevista on-line se deu não só pela praticidade, já que a ideia era entrevistar jovens de qualquer região do Brasil, como também pela constatação, apontada por vários autores (Fundação

Telefônica Vivo, 2019; Romão-Dias & Nicolaci-da-Costa, 2005), de que esse público sente-se mais à vontade para falar sobre questões pessoais quando há a mediação da internet. Segundo dados da Fundação Telefônica Vivo (2019), 98% dos adolescentes estão conectados no *What's App* diariamente. Tal aplicativo, de acordo com os dados da pesquisa, deixa os jovens mais confortáveis para pronunciarem-se sobre questões pessoais, expressando-se com mais facilidade no ambiente virtual.

Procedimento

A escolha dos participantes se deu através do método de amostragem por conveniência (Richardson, 2017). Inicialmente, efetuou-se uma busca livre de jovens que possuíam ou participavam de algum canal no *Youtube*. Houve dificuldade de comunicação com os possíveis participantes da pesquisa, realizada inicialmente pelo contato disponibilizado no canal, que se deu por causa da ausência de respostas e/ou demora destes para se posicionar. Desse modo, a pesquisadora optou, após a primeira entrevista, por solicitar indicações dos entrevistados, lançando mão da técnica *snowball sampling* (Vinuto, 2014). As entrevistas e os vídeos foram analisados, segundo o método de análise de conteúdo, em sua vertente categorial, conforme proposto por Bardin (2011).

Resultados e discussão

Tendo em vista o objetivo deste estudo, serão discutidas as seguintes categorias de análise: *os primeiros passos na internet, a socialização nas redes sociais, produção de conteúdo e a internet como uma possibilidade de trabalho*.

Os primórdios: primeiros passos na internet

Os entrevistados salientam que sua iniciação na internet se deu ainda na infância, entrada compartilhadas com amigos e/ou familiares.

Faz um tempão. Quando eu tinha uns 7/8 anos . . . Comecei com meu primo, a gente fazia uns videozinhos, brincando assim. (Entrevistado 1, 18 anos, Rio Grande do Sul)

Sempre! Comecei a ter um contato com a internet desde cedo. Eu acho que eu tinha, não sei, talvez 9 anos ou 10 de repente, e eu já tinha um contato com a internet, desde que meus irmãos deixavam eu ficar do lado deles no computador . . . Eu imagino que fazem alguns anos isso, eu era menor e eu não tinha consciência de muitas coisas que eu tenho hoje em dia em relação a tudo, à vida, à própria internet em si, mas eu comecei a internet cedo mesmo. Foi quando eu

era mais novo, mais jovem, foi quando eu era mais criança (Entrevistado 2, 18 anos, Rio Grande do Sul).

Essa!! Eu acho que, tu me fez voltar no tempo agora . . . eh . . . e eu comecei a usar pra baixar música, eu acho. Foi isso, eu baixava música no Aires. Aí, eu pesquisava fotos no Google tipo de paisagens, umas coisas bem sem graça, assim, porque eu não sabia usar e procurava letra de música que eu gostava, procurava textos legais, assim, com colegas da escola (Entrevistado 3, 23 anos, Rio Grande do Sul).

Eu tinha 5 ou 6 anos, eu acho. E foi muito fácil pra mim esse contato, justamente por ter tido um contato muito próximo com a tecnologia. Então, computador nunca foi um bicho de sete cabeças pra mim, sabe? Dividia o computador com outras três pessoas da minha família (Entrevistado 4, 22 anos, Rio de Janeiro).

A partir destas falas, nota-se que os entrevistados começaram a adentrar no mundo virtual ainda na infância, entre 5 e 10 anos, idade que vem diminuindo com o passar dos anos, já que as crianças estão tendo contato com a internet cada vez mais cedo (Cotonho & Rosseti, 2016; Connolly, 2016). Fato corroborado pela pesquisa da UNICEF (2017) a qual também aponta que, principalmente em países em desenvolvimento como o Brasil, a entrada das crianças no mundo da internet se dá principalmente com a ajuda de amigos e familiares. Logo, apesar das diversas críticas à internet que remetem ao isolamento e ao enfraquecimento da socialização (Dias, 2016; Lima, 2006; Prioste, 2016), verifica-se que é corrente o compartilhamento dos primeiros passos conectados com os pares, sejam eles da família ou amigos.

Os entrevistados ressaltam que uma das principais portas de entrada na internet foram os *games*, antes mesmo das redes sociais, como o *Youtube*:

Era só pra ficar jogando, né? Os joguinhos, aqueles joguinhos on-line. Aí, eu fui descobrindo esse mundo das redes sociais. E aí me adequei, porque gostei bastante. Comecei a assistir *Youtube* e me identifiquei. Quis fazer também isso (Entrevistado 1, 18 anos, Rio Grande do Sul).

Comecei jogando. Daí, depois eu comecei a mexer, fui tendo outros vínculos começando a ver vídeos no *Youtube* e, assim, foi criando (Entrevistado 2, 18 anos, Rio Grande do Sul).

Já era muito ligado em joguinho, essas coisas assim on-line mesmo que criança gosta. E aí (...) a questão do Orkut...Facebook... por aí vai (Entrevistado 4, 22 anos, Rio de Janeiro).

E a gente sempre jogava jogos on-line, então foi aí que comecei a mexer com internet, sabe? Com essas redes sociais como Orkut e sempre jogando jogos on-line da época: Ragnarok, Granth Eise. E disso foi amadurecendo a minha ideia de internet, eu fui conhecendo *YouTube* e também os outros meios (Entrevistado 6, 22 anos, São Paulo).

Como podemos apreender das falas dos entrevistados, as principais atividades executadas por eles, assim que iniciaram a utilizar a internet, foram os

“joguinhos on-line”. Entrada que desemboca nas redes sociais, a princípio o Orkut/MSN e, em seguida, o Facebook e o Youtube. Segundo dados da Common Sense Media (2017), os jogos, os vídeos e as músicas são as principais atividades conectadas de crianças de 0 a 8 anos. Isso equivale a dizer que estes seriam seus pórticos de ingresso no ciberespaço.

As redes sociais são descobertas com o avançar da idade, conforme alguns trechos das falas: “com outros vínculos”, “amadurecendo a minha ideia de internet”, “descobrimo esse mundo das redes sociais”. Se os jogos respondiam à demanda lúdica da criança, percebe-se que o acesso às redes sociais se dá num momento posterior que corresponde ao final da infância e início da adolescência, momento em que os anseios por socialização e pertencimento precisam ser satisfeitos (Boyd, 2014; Dias, 2016; Ponte, 2017).

Redes Sociais

No que concerne às redes sociais, de acordo com os entrevistados, os principais canais utilizados são o *Instagram*, o *Twitter*, o *Facebook* e o *Youtube*.

Eh... além do Youtube, eu tenho um Facebook e um Instagram. Eu tô usando mais o Instagram agora, porque lá eu consigo interagir mais com o meu público, mas o Facebook é muito bom também... eu posso... eu compartilho coisas toda hora lá (Entrevistado 1, 18 anos, Rio Grande do Sul).

Então, as redes sociais que mais utilizo é Twitter, Instagram e Facebook (ele acaba ficando um pouco esquecido) . . . Eu participo de um canal no Youtube, a gente faz vídeos pra lá, onde a gente reage a outros vídeos . . . no meu próprio Instagram, às vezes eu converso com muita gente que nos acompanham pelo próprio canal (Entrevistado 2, 8 anos, Rio Grande do Sul).

Então, tipo assim, o meu canal surgiu porque eu tava sentindo uma certa necessidade de conversar sobre as coisas que eu consumia, sabe? Pelo fato de eu ter crescido lendo quadrinhos, assistindo séries e tal, a galera da minha idade não acompanhava. Então, eu queria conversar sobre isso (Entrevistado 6, 22 anos, São Paulo).

As falas acima demonstram que, dentre algumas das razões que motivam esse público a socializar por meio dessas redes, destaca-se a necessidade de encontrar e conversar com pessoas que compartilham os mesmos interesses (Rice, Shepherd, Dutton & Katz, 2007; Fundação Telefônica Vivo, 2019). Pode-se afirmar que a maioria dos grupos formados na esfera virtual partilham interesses e experiências similares, o que é observado na fala do Entrevistado 6 que encontrou na internet espaço para discutir temas de seu interesse, em que pese a dificuldade de fazê-lo fora da rede (Brandon & Hollingshead, 2007).

As narrativas enfatizam, portanto, que, cada vez mais, os aspectos técnicos da internet perdem lugar para a socialização (Fundação Telefônica Vivo, 2019; Turkle, 2011), uma vez que pode ser vista como uma resposta dos indivíduos ao contexto social que tem colocado obstáculos para a interação face-a-face. Assim, além de possibilitar o contato com desconhecidos, as redes sociais propiciam a aproximação com conhecidos (Dang Nguyen & Lethiais, 2016).

Em relação à escolha da rede social preferida, os participantes da pesquisa apontam características como dinamismo, a facilidade de comunicação com os pares, a quantidade de material postado e o conteúdo em si.

No Twitter tem muita gente que fala coisas muito engraçadas. Tem muita gente, da minha idade assim, que *twita* ... que fazem *Twits* 24 horas por dia e que produzem um conteúdo muito bom, muito criativo. Enfim... Mas no Instagram... e o *Twitter* é só com mensagens, ele é só escrito...Mas o Instagram também é bem assim, porque a gente segue quem a gente quer, a gente acompanha quem a gente quer....Mas no Instagram é através do Stories que eu acompanho mais... Só que, levando em consideração que é pelo Instagram que eu acompanho as pessoas que eu gosto bastante, e lá elas postam foto e vídeo, no caso do Stories 24 horas por dia também, eu acho que eu acabo ficando com o Instagram, justamente pelo fato de ele ser mais rápido e mostrar mais a realidade. O Twitter ele é só uma escrita, então, às vezes, ele não pode demonstrar tanto sentimento. Então, eu imagino que seja o Instagram o meu preferido que ganha a batalha entre todos (Entrevistado 2, 18 anos, Rio Grande do Sul).

Então, eu acho que o Instagram hoje é a rede mais fácil pra comunicação, né? Tu consegue passar teu recado de forma clara, simples, que a pessoas vão te entender e, além de entender, elas vão poder interagir contigo, né? Então, eu acho isso bem bacana e, por isso, eu acho mais prático, assim... (Entrevistado 3, 13 anos, Rio Grande do Sul).

O que eu mais uso na internet, ultimamente, é o Twitter que é rede social, porque ela abrange muita coisa, tem muita informação, tem muito meme e é muito frenético, então sempre está rolando alguma coisa no Twitter. Então, é o que eu mais uso atualmente na internet é o Twitter (Entrevistado 6, 22 anos, São Paulo).

As falas anunciam que o ritmo da vida dos jovens é bastante influenciado pelas redes sociais (Fundação Telefônica Vivo, 2016). Não é sem razão que suas redes favoritas são caracterizadas como “frenética”, “sempre rolando alguma coisa”, “rápida” e “Stories 24 horas por dia”. Devido a tais características atribuídas à internet, a palavra inglesa *Smart*, que em português tem uma conotação de rapidez, inteligência e agilidade, é constantemente associada às inovações tecnológicas (Martel, 2015). Outrossim, há uma preferência por ferramentas que permitam a demonstração de sentimentos, além de facilitar a troca de ideias.

Logo, as redes sociais demonstram ser uma resposta à sociedade contemporânea: agitada, objetiva, repleta de informações. Não menos relevante é o anseio por socialização, por sentir mais próximo ao outro, inclusive em termos afetivos, que está, ao mesmo tempo, tão distante (Dias, 2016; Fundação Telefônica Vivo, 2016; Ponte, 2017). Daí a escolha por uma ferramenta mais completa que permite bate-papos e compartilhamento de textos, imagens e vídeos. Diante disso, fica ainda mais clara a ligação entre a internet e a sociedade (Shirky, 2011).

Produção de conteúdo

Com o advento dos chamados *influencers digitais*, muito se tem discutido sobre o papel dos jovens na internet: seriam simplesmente espectadores ou também produtores e propagadores de informação?

Eu comecei a acompanhar um pessoal no Youtube, assim, tipo, aleatoriamente, eu nem sabia o que significava o termo Youtuber, nem sabia que existia isso, né? Nem sabia que podia ser um a profissão (....) Por que eu não posso fazer isso, né? Eu juntaria o teatro, a brincadeira que eu gosto de fazer e ali eu podia ser diretor, podia ser ator, podia brincar com tudo, né? Editor e tudo mais...E aí, eu decidi criar no final de 2014, início de 2015 mais ou menos (Entrevistado 3, 23 anos, Rio Grande do Sul).

O meu canal é sobre livros. Então, eu basicamente leio o livro e falo no canal. O canal já existe vai fazer uns 4 anos já e lá no começo eu criei, porque alguns amigos já tinham e tal e eu já estava lendo bastante. E aí, eu fui incentivado a criar também e deu certo, funcionou. E aí, eu comecei a fazer! (Entrevistado 4, 22 anos, Rio de Janeiro).

Eu produzo *Vlogs* referente à cultura pop. Então, tudo o que é franquia de cultura nerd e tal é isso que eu produzo no meu canal e eu comento sobre isso, eu falo sobre isso. Então, são *vlogs* comentando essa mídia social voltada para cultura nerd (Entrevistado 6, 22 anos, São Paulo).

Conforme as falas acima, os entrevistados criaram canais no *Youtube* com o intuito principal de trocar com seus pares ideias sobre temas como, por exemplo, livros e cultura pop, como é o caso dos Entrevistados 5 e 6, respectivamente. Conforme Dornelles (2015), é notável o crescimento do número de *Vlogs*, ou seja, de canais de compartilhamento de vídeos em que os autores criam suas próprias histórias, denúncias e narrativas, marcadas por conteúdos subjetivos e autobiográficos. A cultura da participação entra em voga (Shirky, 2011), abrindo espaço para a diversidade e a criatividade (Connolly, 2016; Nicola-da-Costa, 2011). Aqui, novamente apreende-se que cada um dos entrevistados coloca algo de si em suas produções, com o intuito de encontrarem

semelhantes que os aceitem e os acolham. Mais uma vez, a demandas por relação e inserção no grupo se fazem presentes (Dias, 2016; Ponte, 2017).

Retomando dados da pesquisa da Fundação Telefônica Vivo (2016), nota-se que a maioria dos jovens desta pesquisa se inclui no grupo nomeado como excessivo, ou seja, aqueles que se sentem à vontade para criar e postar vídeos e imagens com características e ideias próprias. Há somente um representante do primeiro grupo, o entrevistado 1, o opinativo que, por sua vez, é o retrato de adolescentes que emitem comentários a partir de algo produzido por seus pares, mas não se dispõe a construir seu material particular.

Internet e trabalho

Além da aquisição de conhecimento e diversão, um dos pontos mais relevantes para os participantes é o uso da internet, principalmente de seus canais no *Youtube*, como uma ferramenta profissional, isto é, como um trabalho passível de monetização.

Ah, pra mim é ótimo, porque, pelo que eu vejo assim, a gente pode usar para uma futura profissão, como eu tô fazendo (Entrevistado 2, 18 anos, Rio Grande do Sul).

Hoje, pra mim a internet é fundamental . . . pro meu trabalho mesmo. Eu diria que usar a internet pra mim hoje é essencial e fundamental, se não for tudo, né? Porque eu sem a internet não trabalho e não adquiero conhecimento (Entrevistado 3, 23 anos, Rio Grande do Sul).

Hoje a internet já me ajuda, claro também serve para entretenimento e tal. Vídeo, né? No YouTube e tal. Pra me divertir, pra jogos, mas hoje também é um tipo de forma de ganho de dinheiro. O YouTube não é uma ferramenta hoje pra mim que é uma fonte de renda. Hoje! Há algum tempo atrás já foi fonte de renda, mas também não era renda principal, mas já me gerou renda o canal. Já trabalhei em outras plataformas além do YouTube como, por exemplo, a Twitch TV que é uma plataforma para jogos, que também já foi fonte de renda, mas também não é uma renda... não foi renda principal. Já ganhei dinheiro, né? Com internet, com isso, né? Com Youtube (Entrevistado 4, 22 anos, Rio de Janeiro).

A internet sempre ocupou grande espaço na minha vida, isso foi crescendo conforme adolescência e tal. E hoje eu produzo vídeos, eu faço faculdade de produção audiovisual justamente para trabalhar com internet (Entrevistado 6, 22 anos, São Paulo).

Com base nas afirmações dos participantes, pode-se notar que a internet e suas ferramentas delineiam-se como uma possibilidade de profissão para os jovens da contemporaneidade que chegam, inclusive, a direcionar seus estudos para essa área, o que é ilustrado pelo Entrevistado 6. A internet está arraigada em seus cotidianos, não só pela diversão, mas também pela possibilidade de

tornarem-se profissionais, *Youtubers* (Folha de São Paulo, 2019), que vivem de suas produções disponibilizadas on-line.

Portanto, a facilidade de compartilhamento de conteúdo via internet amplia a atuação na rede de qualquer membro da sociedade que passa a viver na “cultura da participação” (Shirky, 2011). Tudo isso, contribuiu para que os participantes desta pesquisa, jovens comuns provenientes da classe média brasileira criassem canais de comunicação sobre temas variados, cada um ao seu modo, dentro de suas próprias casas, de seus próprios quartos e com equipamentos básicos de gravação e edição de vídeo.

Considerações finais

A sociedade da informação tem promovido diversas mudanças individuais e sociais, incluindo a própria concepção de adolescência e juventude cuja faixa etária parece alongar-se cada vez mais. A adolescência tardia se insere num contexto de agitação, afastamento entre as pessoas que, em meio a tantos estímulos, por vezes, se embaraçam em desafios geográficos e temporais. Considerando, ainda, que a juventude é um momento delicado que envolve uma transição da infância para a vida adulta e, conseqüentemente, a reconstrução identitária e do lugar ocupado no seio social, as transformações provenientes da reestruturação social ficam ainda mais exacerbadas, ou seja, o comportamento da juventude parece ilustrar de forma viva as angústias com as quais sociedade tem lidado.

A internet, principalmente as redes sociais como Instagram, Twitter, Facebook e Youtube, mostra-se convidativa aos desafios dos jovens da atualidade, na medida em que atende seus anseios de socialização e pertencimento, questões fundamentais nesse momento da vida. Considerando os dados e discussões apresentados anteriormente, pode-se observar que os usos que os jovens fazem da internet é variado e ultrapassa a concepção do senso comum de vício e adição. Começando na infância (cada vez mais cedo) pela diversão com os *games*, início geralmente acompanhado de amigos e/ou familiares, passando pela interatividade e produção de conteúdo nas redes sociais, chegamos ao uso da internet como profissão, especialmente por meio de canais criados no Youtube. Se os primeiros passos no mundo on-line acontecem de forma compartilhada, a entrada na adolescência expande o horizonte da internet para as redes sociais, configurando

um uso mais autônomo e individual. Destarte, não é difícil entender os motivos do sucesso, entre os jovens, de uma plataforma que se apresenta como um espaço onde a liberdade de expressão e a diversidade imperam, ainda que haja atravessamentos de algoritmos e comerciais. Tornar-se um *Youtuber* é o sonho de muitos, não só pelo retorno financeiro como também por motivações intrínsecas, tais como a possibilidade de criação de um espaço para trocas e escuta. Um espaço propício para expor pensamentos e sentimentos de forma espontânea, isto é, um “convite para desbravar o novo e em incentivo à criatividade” (Nicolaci-da-Costa, 2011, p. 559).

Conclui-se, portanto, que a socialização é o principal motivo que mantém os jovens conectados à internet, espaço que propicia a participação ativa, por meio de comentários, observações e criações de textos, de imagens e de vídeos. Assim, complicações no ciberespaço convivem junto com a sensação de pertencimento e escuta. Por fim, considerando a relevância do tema, é imprescindível o desenvolvimento de mais estudos sobre as repercussões da internet na vida dos jovens analisando, por exemplo, diferença entre os gêneros no que concerne ao uso dos recursos disponibilizados pela internet e aos impactos dos mesmos na subjetividade.

3. A internet como um lugar de refúgio para os jovens

Resumo: O objetivo deste trabalho é investigar o papel da internet como um lugar de refúgio para os jovens. Foram entrevistados, no aplicativo WhatsApp, 6 jovens brasileiros, entre 18 e 24 anos, usuários do YouTube. Foram também avaliados vídeos dos entrevistados. O material obtido foi analisado segundo o método de análise de conteúdo, na sua vertente categorial, proposto por Bardin (2011). Os resultados apontam que dentre as principais funções da internet, na vida dos jovens, encontra-se a construção de um refúgio que, por sua vez, assume três vertentes: anteparo contra a solidão, criação de um espaço idealizado e distração para os problemas.

Palavras-Chave: Jovens; internet; refúgio; solidão.

Abstract: The goal of this paper was to investigate the role of the internet as a place of refuge for young people. We interviewed by Whatsapp 6 young Brazilians, aged 18-24, YouTube users. Videos of the interviewees were also evaluated. The material obtained was analyzed according to the categorical content analysis method, proposed by Bardin (2011). The results pointed out that among the main roles of the internet, in the lives of young people, is the construction of a refuge that, in turn, assumes three aspects: protection against loneliness, creation of an idealized space and distraction from problems.

Keywords: Young; Internet; refuge; loneliness.

Ao longo da história, o lugar do adolescente no seio social sofreu grandes transformações, tais como: a expectativa da sociedade e da família em relação a seu futuro; a maior necessidade de escolarização para adentrar no mercado de trabalho; e a aparente falta de apoio social para o processo de amadurecimento e a consequente passagem para o mundo adulto (Calligaris, 2000 ; Le Breton, 2017; Stambler, 2017). Desse modo, considerando que a cultura remodela a forma de desenvolvimento do processo de adolescer (Levisky, 2013), é esperado que haja mudanças na inserção desses indivíduos na sociedade, na família, além de variações em seus comportamentos e suas percepções sobre o mundo. Contudo, um dos pontos que parece ser uma constante, desde que o conceito de adolescência se consolidou no início do século XX (Savage, 2009), é a leitura de suas condutas como atos de rebeldia, falta de interesse e de preocupação com o futuro. Le Breton (2017) afirma que se trata de uma juventude que se sente constrangida e explorada, pelos mais velhos, em sua forma de ser. A visão que muitos adultos têm acerca da relação dos jovens com a internet também é atravessada por estereótipos e (pré)concepções que, via de regra, acabam em interpretações permeadas pela concepção de vício que demoniza a tecnologia digital e desconsidera os inúmeros papéis que esta pode assumir: pesquisa, socialização, diversão, entre outros (Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2019; Nguen & Lethiais; 2017). Isso equivale a dizer que estão sendo colocadas no mesmo pacote as incontáveis formas de desfrutar os recursos da internet (Mendes, 2015; Prioste, 2016). Segundo Cervo (2013), nem a tecnofilia (excesso de conexão), nem a tecnofobia (aversão à tecnologia) são posições interessantes frente a essa questão. Na primeira, porque a lógica da subjetividade é perdida e, na segunda, porque os jovens ficam desamparados, à mercê dos enigmas do mundo virtual. Isso posto, espera-se que tanto o lado da internet que dá suporte ao desenvolvimento psíquico como sua vertente que deixa o sujeito alheio a sua experiência sejam considerados como possibilidades (Lemma, 2017; Melgaço, 2017).

A recém-divulgada pesquisa “Juventudes e Conexões” (Fundação Telefônica Vivo, 2019) revela que, segundo os jovens participantes do estudo, a internet desempenha duas funções principais em suas vidas: refúgio e interação. Apesar de ambas serem consideradas igualmente importantes, o presente artigo

focará na primeira. É imprescindível destacar que este trabalho parte da noção, introduzida por Sawyer et. al. (2018), de que a adolescência é uma fase que se estende dos 10 aos 24 anos. Esse grupo de pesquisadores australianos considera que as modificações pelas quais a sociedade tem passado, tais como o aumento dos anos de educação, o adiamento do casamento, da parentalidade e do alcance da independência financeira, provocaram uma delonga na transição da adolescência para a vida adulta. Em relação à antecipação do início da adolescência, essa se deve, prioritariamente, pela precipitação da puberdade. Logo, aspectos psíquicos, biológicos e sociais caminham lado a lado na definição dessa fase da vida. Isso posto, não será feita distinção entre adolescência e juventude.

Lipovetsky (2016), ao falar sobre a sociedade atual, nomeada por ele como hipermodernidade, ressalta que a leveza tem sido buscada em todas as instâncias da vida social como, por exemplo, o culto ao corpo magro, a nanotecnologia, o bem-estar e as relações dos pais com seus filhos. Vive-se, portanto, a revolução do leve, isto é, “livres nas esferas religiosa, familiar e ideológica, os indivíduos ‘desligados’, soltos, desapegados funcionam como átomos em estado de flutuação social” (p.23). Como sujeitos imersos em tal revolução, os jovens sentem na pele os efeitos da leveza. Conforme Calligaris (2000), a adolescência é uma fase extremamente delicada, uma espécie de moratória social em que o adolescente se vê aguardando pelo esperado momento de finalmente fazer parte do seio social como um adulto autônomo. Apesar de a sociedade hipermoderna (Lipovetsky, 2016) considerar a autonomia, por vezes, como uma ausência de laços (Mizhari & Garcia, 2007), Winnicott (1896-1971/2012) discorre sobre a necessidade que o jovem tem de contar com um ambiente suficientemente confiável que lhe dê o suporte do qual necessita para atravessar esta fase da vida.

No plano familiar, Levisky (2013) destaca a carência, por parte dos pais e/ou responsáveis, em desempenhar funções de apoio e de mediação para os jovens, principalmente num momento em que estão redefinindo suas bases identitárias, corporais e sociais. Assim, estes veem-se solitários “para se encarregar de seu próprio destino”, sentindo-se desamparados. Como bem aponta Birman (2012), vivem a “ameaça do abismo”, uma espécie de “vertigem” (p.7). Abismo representado pela precariedade do sustentáculo recebido para que possam desenvolver-se de forma saudável. Tendo em vista que a adolescência é

considerada o ideal da contemporaneidade (Calligaris, 2000), todos almejam permanecer jovens e descolados, inclusive os familiares e adultos responsáveis pelo cuidado (Lipovetisky, 2016). Em vista disso, os pais e/ou responsáveis acabam ocupando o papel de amigos, uma vez que se comportam de forma *cool* e permissiva, o que implica em dúvidas sobre a função de autoridade (outrora exercida pelos genitores de modo mais claro e firme) que se baseia no estabelecimento de normas e de limites. Dessa forma, é deixado em segundo plano um aspecto essencial da função parental: a mediação do jovem com o mundo, imprescindível para que este se sinta seguro e desenvolva “os recursos psíquicos necessários para suportar frustrações e conflitos” (Lipovetsky, 2016, p.253). Mediante a falta de amparo dos adultos, muitos adolescentes “vivenciam um sentimento de vazio existencial, sentimento de irreabilidade e, caso o adolescente não possa tolerar esse vazio, irá procurar aliviar tal sentimento de maneira imediata” (Braga, 2009, p. 2).

Segundo a teoria do desenvolvimento emocional construída pelo psicanalista inglês, Winnicott, o ambiente é corresponsável pelo desenvolvimento humano, assim é vital que o mesmo seja suficientemente bom, isto é, facilitador e que dê amparo ao sujeito sem ser invasivo (Davis & Wallbridge, 1982). É importante ressaltar que a definição de ambiente comporta não só os responsáveis pelo cuidado como também “a parafernália do cuidado” (p.24) que, hoje, incluiria aparatos tecnológicos como *tablets* que monitoram a localização, *smartphones* que são bloqueados caso não haja resposta do adolescente, entre outros. Winnicott (1958/1998) coloca em evidência a importância do ambiente ao longo de todo o processo de desenvolvimento, ressaltando a pertinência do mesmo na adolescência que, por sua vez, é definida como “uma época em que há necessidade de se fazer uma nova adaptação à realidade e na qual a vulnerabilidade do eu ocasiona uma nova fase de dependência” (p.95).

Winnicott constrói sua teoria a partir da observação da relação dos bebês com suas mães (ou pessoas que exerçam a função materna). No início, o bebê é totalmente dependente da pessoa por quem é cuidado. Paulatinamente, na medida em que o ambiente pode apoiar o processo de amadurecimento, o indivíduo caminha rumo à independência e à maturidade, ainda que, em certa medida, sempre haja algum nível de dependência (afinal, o ser humano nunca deixa de ser social). Isso equivale a dizer que, para que o potencial de desenvolvimento

hereditário torne-se realidade, o ambiente precisa desempenhar algumas funções de modo suficientemente bom: *holding*, *handling* e apresentação de objetos (Winnicott, 1958/1998). A primeira se refere ao suporte tanto físico como psicológico que o ambiente é capaz de fornecer ao bebê, “apoioando-o, mas sem o dominar” (Davis & Wallbridge, 1982, p.40). Ou seja, trata-se de ampará-lo sem que sua espontaneidade seja anulada, pelo contrário, o ambiente deve ser suficientemente constante e confiável para que o crescimento do bebê ocorra sem grandes rupturas na linha do desenvolvimento. Tal provisão ambiental, ainda que continue sendo uma necessidade em outros momentos da vida do indivíduo, como na adolescência, é essencial num período primitivo em que bebê depende absolutamente da mãe, já que os dois formam, nesse momento, uma unidade indiferenciada. Assim, quando a mãe satisfaz as necessidades do bebê, este sente como se ele mesmo estivesse criando um mundo que tem tudo aquilo de que precisa. O bebê, então, experiencia a onipotência, importante para que a espontaneidade se expanda (Plastino, 2014). No entanto, a ilusão de que ele pode edificar uma realidade que corresponda exatamente às suas expectativas precisa ser frustrada gradativamente. Desse modo, o bebê começa a ser inserido na realidade externa e a se distinguir do ambiente.

Já a função de *handling* ampara o bebê no reconhecimento dos limites de seu corpo, separando o “eu” do “não eu”, em outras palavras, o sujeito começa a sentir que habita seu próprio corpo e que este é uma unidade integrada. Trata-se do processo de personalização (Davis & Wallbridge, 1982). Por fim, a apresentação de objetos ocorre quando a realidade compartilhada começa a ser revelada para o bebê, além de desenrolar-se o despertar para as relações Interpessoais. É interessante notar que “o adolescente está repetindo uma fase essencial da infância, pois o bebê também é um ser isolado, pelo menos até que seja capaz de estabelecer a capacidade de relacionamento com objetos que estão fora de seu controle mágico” (Winnicott, 1896-1971/2012, p. 165). A mãe apresenta à criança “o seu conhecimento claro do que é real e do que não é ajuda a criança de muitas maneiras, pois gradativamente a criança vai compreendendo que o mundo não é como se imagina, e que a imaginação não é exatamente como no mundo. Uma coisa precisa da outra.” (Winnicott, 1964/2008, p.81). Nesse sentido, a mãe começa a desadaptar progressivamente a criança, isto é, apresenta o

princípio de realidade a ela. A criança tem, assim, sua ilusão de onipotência frustrada.

Todas as provisões ambientais mencionadas têm uma finalidade em comum: favorecer o amadurecimento do bebê rumo à independência. Com o intuito de que o sujeito se desenvolva de forma saudável, alcançando certo nível de autonomia, é esperado que ele avance, dentre outros fatores, no que concerne à capacidade de ficar só (Davis & Wallbridge, 1982; 1958/1998). Por encontrar-se num momento vulnerável e com grandes demandas de adaptação, os jovens vivem novamente uma fase de dependência, já que só é possível ficar só, caso tenha havido, anteriormente, a presença de alguém que forneceu o apoio de que necessitavam.

Em virtude dos fatos mencionados, fica evidente a necessidade do ambiente no desenvolvimento do ser humano. Não obstante, diante das mudanças sociais, alguns atravessamentos são notados na forma como se dá a interação do ambiente com sujeito, independentemente de seu momento de vida. Percebe-se, por exemplo, que o suporte fornecido pelos adultos torna-se frágil e precário, o que deixa os adolescentes inseguros em relação ao futuro, com receio de serem ‘excluídos’ da vida das pessoas com quem estabelecem laços, sentindo-se sozinhos e desamparados.

Respostas dos adolescentes à civilização do leve: a internet como uma possibilidade

Dentre as inúmeras respostas à civilização do leve (Lipovetsky, 2016), cujo imperativo pela felicidade está cada vez mais em evidência, a internet aparece como uma possibilidade viável e acessível para os jovens, já que, por vezes, é utilizada como tentativa de cura e de fuga (Melgaço, Lima, Del Vecchio & Couto, 2018; Unicef, 2017). Cada vez mais demandadas a rivalizar com os colegas em busca de um futuro melhor e extremamente protegidas da violência, crianças e adolescentes são afastados do contato social que acaba sendo substituído pelo mundo fascinante da tecnologia, de onde provém a ilusão de que não estão sozinhas (Birman, 2006). Segundo pesquisa realizada pela UNICEF (2017), é crescente o número de crianças e adolescentes que

usam a tecnologia digital para lidar com situações difíceis da vida real como uma forma de automedicação. Por exemplo, se uma criança está triste ou estressada, ela pode ficar on-line para se distrair da tristeza ou estresse, facilitada por um

aplicativo em que a imersão ou distração é proporcionada, como um jogo on-line ou um site de rede social. As consequências podem ser positivas (ele ou ela pode se sentir melhor temporariamente) e negativas (a causa real pode não ser tratada) (UNICEF, 2017, p. 114, tradução nossa).

Assunção (2014) faz uma observação curiosa sobre os primórdios da internet: “chega a ser irônico que um dos primeiros e mais populares softwares navegadores de internet tenha sido chamado Netscape” (p. 13). Nomeação que pode ser associada a uma rede de escape que parece ainda assumir este contorno para muitos jovens que buscam um refúgio na internet (Fundação Vivo Telefônica, 2019; Gomes-Franco-Silva & Sendín-Gutiérrez, 2014). Adotando um ponto de vista similar, Turkle (2012) pontua que, em momentos dolorosos, muitos recorrem aos smartphones para abrigarem-se longe dos contratempos. Em sua pesquisa sobre a interação do ser humano com os robôs, a autora revela que a evolução da robótica vem criando máquinas cada vez mais parecidas com o ser humano: aparatos que parecem sentir, interagir e, o mais importante, preocupar-se, além de demandar atenção e companhia: “As pessoas falam sobre acesso à web nos BlackBerries como “o lugar para a esperança” na vida, o lugar onde a solidão pode ser derrotada” (Turkle, 2011, p. 3, tradução nossa). Lugar que parece ilimitado, infinito e regado a prazer, ou seja, uma promessa de divertimento, distração, acolhimento, deleite e alegria. O desprazer, portanto, deve ser evitado. Conforme Assunção (2014):

a dimensão subjetiva de estar sempre conectado – por conseguinte, mostrar-se continuamente, de uma forma determinada – funciona na atenuação de experiências desconfortáveis, assim como favorece a condição de desamparo quando o sujeito se depara com o vazio da impossibilidade, naturalmente, de ter acesso a tudo e a todos, e controlar a forma como se mostra em outros ambientes que não o das mídias sociais (p. 22).

Ao permanecer conectado, o jovem cria uma zona de conforto baseada na evitação de problemas e interações que podem gerar frustrações e antagonismos. Nas redes sociais, por exemplo, é possível pensar antes de responder à mensagem de um amigo ou de escrever um post, calculando as palavras e o possível efeito delas sobre o outro. Além disso, pode-se selecionar o conteúdo de interesse e as pessoas que pensam de forma similar, criando, assim, o mundo perfeito: nada de críticas e desavenças, somente comentários positivos e conteúdos prazerosos. Cria-se, desse modo, um refúgio. Diante do exposto, este estudo tem como finalidade investigar o papel da internet como um lugar de refúgio para os jovens.

Método

Sujeitos

Na presente investigação foram entrevistados 6 jovens do sexo masculino (nomeados como entrevistados de 1 a 6), entre 18 e 24 anos, residentes no Rio Grande do Sul, São Paulo e Rio de Janeiro, das camadas médias da população, universitários ou recém- graduados, e usuários do YouTube.

Instrumento

Foram realizadas entrevistas no aplicativo What'sApp, por meio de áudios, com roteiro semiestruturado invisível, elaborado anteriormente a partir dos seguintes eixos temáticos: ferramentas mais utilizadas na internet, lugar que a internet ocupa na vida dos entrevistados e a função da internet na construção de resoluções de conflitos, especialmente os familiares. Além disso, foram analisados dois vídeos de cada entrevistado, indicados pelos mesmos como os mais representativos das questões discutidas ao longo da entrevista.

É imprescindível dizer que a escolha por efetuar a entrevista on-line se deu não só pela praticidade, já que a ideia era entrevistar jovens de qualquer região do Brasil, como também pela constatação, apontada por vários autores (Fundação Telefônica Vivo, 2019; Romão-Dias & Nicolaci-da-Costa, 2005), de que esse público sente-se mais à vontade para falar sobre questões pessoais quando há a mediação da internet. Segundo dados da Fundação Telefônica Vivo (2019), 98% dos adolescentes estão conectados no What's App diariamente. Tal aplicativo, de acordo com os dados da pesquisa, deixa os jovens mais confortáveis para pronunciarem-se sobre questões pessoais, expressando-se com mais facilidade no ambiente virtual.

Procedimento

A escolha dos participantes se deu através do método de amostragem por conveniência (Richardson, 2017). Inicialmente, efetuou-se uma busca livre de jovens que possuíam ou participavam de algum canal no Youtube. Houve dificuldade de comunicação com os possíveis participantes da pesquisa, realizada inicialmente pelo contato disponibilizado no canal, que se deu por causa da ausência de respostas e/ou demora destes para se posicionar. Desse modo, a pesquisadora optou, após a primeira entrevista, por solicitar indicações dos

entrevistados, lançando mão da técnica *snowball sampling* (Vinuto, 2014). As entrevistas e os vídeos foram analisados, segundo o método de análise de conteúdo, em sua vertente categorial, conforme proposto por Bardin (2011).

Resultados e discussão

Das narrativas das entrevistas e dos vídeos, emergiriam várias categorias de análise. Considerando o objetivo deste estudo, serão discutidas as seguintes categorias: *anteparo para a solidão, criação de um espaço idealizado e distração para esquecer os problemas*.

Anteparo para a solidão

Os entrevistados evidenciam que a internet provê um espaço no qual, ao contrário do que acontece no mundo *offline*, não se percebem solitários.

[. . .] nas redes sociais, foi importante pra eu ver que não tava sozinho, sabe? Conversar sobre solidão, sobre a dificuldade de estar só, comigo mesmo. Pra eu ver que não era só comigo, não era só eu que tinha problema... que tinha essa síndrome de se achar inferior frente a outras pessoas a outros irmãos. Eh... que tinha essa questão de querer uma atenção da minha família que não se tinha, eles não me entendiam. Foi muito importante para mim me aproximar de pessoas que... viraram uma segunda família, sabe? Questão de amigo mesmo, de virar uma segunda família, de me apoiar, de entender questões tinha que eu estava passando pra me ajudar mesmo, sabe? [. . .] Acho que a internet me permitiu entender... não entender, mas não me ver como total anormalidade... que não era ruim eu não estar dentro do que todo mundo esperava de mim, sabe? Porque... digo isso porque essa questão de me assumir eu demorei bastante tempo, porque pra mim nunca foi de fato uma possibilidade, pra mim era mais uma coisa do tipo: eu não sou o que se espera, mas tudo bem. Ok! Eu não era necessariamente gay. Então, acho que a internet me ajudou como ser humano, me ajudou a me entender e conseguir ter mais acesso a coisas. (Entrevistado 4, 22 anos, Rio de Janeiro).

Como sou eu e minha mãe, então, assim, minha vida não é cercada de muitas pessoas para trocar ideias. Então, eu comentei um pouco sobre solidão e tudo mais e gerou sim uma discussão sobre solidão, sobre tristeza, sobre depressão e tal [. . .] o outro livro que fala sobre solidão que é onde eu consegui me encaixar um pouco mais é uma Graphic Novel, do mesmo autor de Moby Dick, que é do Chaboute. A Graphic Novel chama “Alone”, sozinho. Que é uma Graphic Novel que não tem textos, só imagens (Entrevistado 5, 24 anos, São Paulo).

A partir destas falas, nota-se a necessidade dos entrevistados de compartilhar suas experiências com os pares, além de encontrar suporte para atravessarem um momento da vida repleto de dúvidas e questões, o que confirma as premissas de Calligaris (2000), Le Breton (2017), Lipovetsky (2016) e Winnicott (1896-1971/2012). O entrevistado 4 encontrou, especialmente nas amizades edificadas na internet, relações que o ajudaram a entender o que se

passava com ele (a homossexualidade e o sentimento de não preencher as expectativas familiares), além de um espaço aberto e acolhedor para o diálogo. Já o entrevistado 5 viu na criação de um canal no *Youtube* para discutir literatura uma possível saída para sua vida solitária. É interessante comentar a *Grafic Novel* por ele citada em um de seus vídeos: “Alone”. Um livro, composto por imagens e algumas falas, cujo enredo traz questões similares às da adolescência, uma vez que o personagem principal se isola num farol por causa de sua aparência que o deixa inseguro no que concerne à aceitação social. Em seu isolamento, ele tenta decifrar o mundo através de um dicionário que, por vezes, parece não dar conta da complexidade que é a vida. Assim, na medida em que começa a ter contato com o mundo externo, por intermédio de um dos homens que leva de barco os provimentos dos quais ele precisa para sobreviver, o personagem parece sentir um misto de medo e curiosidade. Para conseguir sair de seu isolamento, isto é, decidir deixar o farol e ir viver na cidade, foi necessária a mediação do funcionário do barco que, ao seu modo, gradativamente, apresentou-lhe o mundo externo utilizando revistas e objetos.

Em adição, as narrativas corroboram o que foi postulado por Birman (2012), Levisky (2013) e Lipovetsky (2016), quando estes dizem que os pais hipermodernos estão enfrentando dificuldades para dar o suporte necessário ao amadurecimento dos filhos. Estes, por sua vez, sentem-se perdidos e temem a exclusão social, o que traz consigo a sensação de não pertencimento e não adequação, consonante ao que foi apontado pelo entrevistado 4 acerca da percepção de não compreensão por parte dos adultos e de solidão. Não é sem razão que os jovens têm encontrado na internet soluções, no caso dos entrevistados canais no *Youtube* e perfis em redes sociais, que abordam temáticas sobre as quais sentem a necessidade de dialogar.

Por fim, é possível apreender das falas que ambos os entrevistados demonstram ter questões no que concerne à capacidade de ficar só, o que valida as observações de Winnicott (1958/1998). O psicanalista preconiza como um dos resultados do amadurecimento a capacidade de ficar só, que é possível a partir da presença do outro, ou seja, para que tal inclinação se fortaleça é imprescindível poder contar com a família e outros adultos que possam fornecer o esteio do qual os jovens necessitam (Levisky, 2013). Logo, para alcançar a autonomia e a liberdade é preciso poder contar com o suporte do ambiente, segundo postulado

por Mizhari & Garcia (2007). Caso isso não aconteça, o sujeito se vê impelido a criar outras soluções que aliviem sua percepção de desamparo (Braga, 2009), como revelado pelos entrevistados 4 e 5, a internet passa a ser uma opção viável para lidar com o vazio proveniente da sensação de solidão (Lemma, 2017; Turkle, 2011,2012; Unicef, 2017). Tudo isso ratifica também as ideias propostas por Ngueyn & Lethiais; (2017) em sua tese sobre a internet, em especial as redes sociais, atuando de modo compensatório para alguns internautas, no que concerne à socialização.

Criação de um espaço idealizado: revivendo a onipotência

Diante da dificuldade de lidar com a realidade externa, o que inclui se relacionar com a diferença, com o conflito e com a frustração, as falas a seguir ilustram outro tipo de criação de refúgio: um espaço idealizado que satisfaz todas as necessidades dos entrevistados que passam a filtrar o que querem ver e com que tipo de pessoa querem conviver:

Então, pra mim, usar a internet é como se fosse um mundo diferente do qual a gente... como eu posso explicar....vive na realidade, por exemplo, porque no dia a dia a gente às vezes tem que enfrentar situações que a gente não gosta, ouvir coisas que a gente não gosta. E na internet, tanto nas redes sociais como em qualquer outro site, a gente pode definir o que a gente quer ouvir, o que a gente quer ler, ver. Na internet, a gente pode limitar o conteúdo que a gente quer assistir, limitar as coisas que a gente quer ver. Então, a internet dá uma certa liberdade pra ti fazer umas coisas, mas também tu ter um limite no qual tu pode definir ele. Isso pra mim é usar a internet. (Entrevistado 2, 18 anos, Rio Grande do Sul)

[. . .] a gente não pode se basear pelo comentário negativo dos outros. A gente tem que buscar coisas positivas. Meus pais sempre dizem isso, pra eu focar só no que me faz bem, no lado bom. Então, eu prefiro dar foco para as pessoas que gostam do que as que não gostam, nem leio críticas de quem não gosta. Então, eu basicamente não ligo, eu procuro não ligar e não dar atenção pra esse tipo de comentário, porque eu prefiro, como posso dizer, dedicar meu tempo para coisas que valham a pena, para coisas positivas e elogios. (Entrevistado 1, 18 anos, Rio Grande do Sul).

Como podemos apreender das falas, movidos pelo sentimento de onipotência, os entrevistados tentam criar um mundo sem conflitos e discordâncias no qual somente estão autorizadas a entrar pessoas e conteúdos positivos que, de algum modo, satisfaçam suas necessidades de aceitação e de pertencimento. Novamente, a função de suporte provida pelo ambiente é fundamental, na medida em que auxilia o sujeito a lidar com as frustrações que podem ocorrer com o adentrar na realidade externa. Assim, ficaria evidente para o

sujeito que o contato com o mundo vai além de sua suposta capacidade de criação mágica, retomada nessa fase da vida, como ressaltado por Winnicott (1964/2008). Aqui, a diferença inevitavelmente estaria presente com seus ônus e bônus.

A posição assumida pelos entrevistados 1 e 2 parece, portanto, corroborar os apontamentos de Lipovetsky (2016) que reforçam algumas características da hipermodernidade: a tendência de querer se ver livre de tudo o que deixa a vida pesada, inclusive os problemas e a negatividade, a ideia de conviver somente com pessoas parecidas, a felicidade como ausência de desapontamentos e a construção de relações que não suportam conflitos. Em um dos vídeos de seu canal no *Yotube*, o entrevistado 2 fala sobre seu horror ao período eleitoral, o que se dá prioritariamente pela dificuldade de evitar aqueles que tem opiniões divergentes das suas, já que em todos os lugares, *WhatsApp* (grupos), *Facebook* e até *Youtube*, só se fala disso.

Distração para esquecer os problemas

Os entrevistados ressaltam a possibilidade de encontrar na internet uma válvula de escape divertida que os auxilia a esquecer os problemas com os quais têm que lidar no dia a dia.

Eu assistia os outros Youtubers e deixava meu dia mais feliz, tipo começava a rir e esquecia dos problemas que a vida me bota. Então eu acho que é muito bom isso. Eu sempre gostei de assistir aqueles vídeos bem engraçados, porque ... ah... chegar em casa com a cabeça pesada, cheia de coisa assim pra fazer... a melhor coisa que tem é tu dar uma risada, nem que seja um sorriso. Mas eu acho que é o melhor tipo de vídeo para ajudar as pessoas, deixa o dia das pessoas mais felizes, sabe? (Entrevistado 1, 18 anos, Rio Grande do Sul).

Com certeza, mais como uma questão de refúgio mesmo, né? Porque, sei lá, muitas vezes a gente briga, por coisa idiota mesmo... a gente é família, né? Como qualquer outra e acaba se chateando ou ficando irritado e a internet acaba sendo um lugar onde a gente vive um mundo em que é só ali que tá acontecendo. A gente meio que foge do que a gente presenciou há alguns minutos ou algumas horas... não sei... enfim. E o Youtube mesmo é uma plataforma que tem muito disso, porque lá tem muitas pessoas que fazem vídeos engraçados, vídeos de motivação, vídeos de comédia, vídeos de entretenimento no geral. E isso acaba te distraindo e tu esquecendo, naquele momento, de problemas que tu tá tendo ou de uma briga que tu possa ter tido com a sua família. Então a internet, no geral, serve como forma uma distração e ela te motiva a melhorar da situação que tu tá passando, de repente com algum texto legal que tu leu ou de repente com algum vídeo muito legal que te motivou a ficar mais feliz e assim acontece (Entrevistado 2, Rio Grande do Sul, 18 anos).

[. . .] eu quero realmente distrair as pessoas, não tocar num tema muito sério, as pessoas me agradecem por fazer elas sorrirem (Entrevistado 3, 23 anos, Rio Grande do Sul).

E a internet ajuda como uma válvula de escape, assim, sabe? Pra você não guardar tudo para dentro de si, pra você comentar com outras pessoas, para desatolar um pouquinho, assim, os problemas de dentro de você (Entrevistado 5, 24 anos, São Paulo).

As falas acima confirmam o trabalho de Assunção (2014) sobre os primórdios da internet, ou seja, sobre sua função de válvula de escape para os problemas: o “netscapismo”. Além disso, pesquisas mais recentes (Fundação Telefônica Vivo, 2019; Unicef, 2017) revelam que tal serventia ainda prevalece entre os jovens que continuam buscando, na internet, um “lugar de esperança” (Melgaço, 2017; Turkle, 2012), onde possam esquecer das contrariedades como, por exemplo, brigas familiares.

Outrossim, os entrevistados mencionam uma preferência por vídeos de comédia que, para eles, são os mais engraçados e os que deixam as pessoas mais felizes, além de propiciarem momentos de distração. Tudo isso vai ao encontro da sociedade da leveza (Lipovetsky, 2016) que preconiza a evitação de experiências que causam incômodo, como ressaltado por Assunção (2014) e Gomes-Franco-Silva & Sendín-Gutiérrez (2014) e Melgaço et.al. (2018), principalmente pela via da sensação de felicidade. Daí a predileção pelo humor e por vídeos que não tocam em assuntos sérios.

Considerações finais

Diante do desafio que é o atravessamento da adolescência, o sujeito imerso nessa época da vida se vê confrontado com inúmeras questões que ampliam a necessidade de suporte do ambiente. Apoio que deve ser suficientemente constante e seguro para que o processo de desenvolvimento caminhe rumo à independência e à maturidade. A importância do ambiente para a subjetividade é tamanha que não se pode deixar de considerar o contexto social atual em que impera a “leveza” (Lipovetsky, 2016). Leveza que se reflete no apoio que crianças e adolescentes recebem do outro. Se todos almejam ser leves, inclusive no que concerne às responsabilidades, não é de se estranhar que os jovens da hipermodernidade sintam-se perdidos e sozinhos nessa travessia para a vida adulta. Como consequência disso, observa-se que estes edificam recursos que forneçam um caminho na busca por respostas. Como um espaço privilegiado para a troca, seja ela por meio de palavras, de imagens, de vídeos e/ou de áudios, a internet torna-se atrativa para esse público.

Dentre as principais funções da internet, ressalta-se o refúgio e a socialização (Assunção, 2014; Fundação Telefônica Vivo, 2019; Turkle 2012). Contudo, fica mais evidente nas falas dos entrevistados a primeira opção. Ainda que a internet tenha assumido, desde os seus primórdios, um formato propício para o contato humano, não é possível negar, como bem aponta Assunção (2014), seu papel de escape, o que nos leva novamente para a questão do refúgio que, por sua vez, assume três vertentes no presente trabalho: *anteparo para a solidão, criação de um espaço idealizado e distração para esquecer os problemas*.

Em relação à internet como um anteparo para a solidão, os resultados apontam que os adolescentes lançam mão dos recursos disponibilizados pela internet com a finalidade de lidar com a solidão e com as questões próprias dessa fase da vida. Tal sensação de que estão sozinhos e desamparados ocorre, por vezes, pela dificuldade dos adultos em fornecerem o suporte necessário para seu processo de amadurecimento. Já no que diz respeito à nova experiência de onipotência, esta é comumente revivida na adolescência. Apesar de ser algo esperado, os entrevistados parecem encontrar inconvenientes para abrir mão da ilusão de que podem criar uma realidade que se adapte totalmente aos seus anseios de felicidade plena, aceitação irrestrita e ausência de críticas. Tudo isso também parece ocorrer, dentre outros fatores, devido à dificuldade que os adultos têm enfrentado para frustrar as crianças e os jovens, apresentando a realidade externa. Ponto fundamental para o desenvolvimento saudável, o que inclui lidar com uma realidade externa diferente de suas expectativas e anseios. Por fim, a internet revela-se como uma válvula de escape, principalmente pela via do humor, dos problemas e dos conflitos que surgem na rotina dos entrevistados.

Conclui-se, assim, que, embora haja a ilusão da sociedade atual de que o desenvolvimento dos jovens passa por um processo autônomo (autonomia aqui entendida como ausência de apoio) e leve (Lipovetsky, 2016), esses sujeitos necessitam de um ambiente suficientemente bom que lhes forneça o acolhimento necessário para que possam amadurecer. Isso equivale a dizer que, para que possam experimentar a autonomia (como a capacidade de ficar só), precisam da presença constante e confiável do outro. É interessante ressaltar que, quando não encontram nas figuras próximas esse suporte, os adolescentes buscam outras soluções. Como sujeitos imersos no mundo digital e familiarizados com a tecnologia, a internet propicia a eles a possibilidade de construção de um espaço

em que não se sintam tão solitários, em que possam fugir das adversidades e que forneça a possibilidade de construir um mundo que atenda completamente aos seus anseios.

Com o avanço acelerado da internet, surgem cada vez mais possibilidades de aplicação e de usos, o que demanda novas pesquisas sobre os impactos da mesma na subjetividade. Neste campo de estudo, vivem-se os desafios e pesquisa-se ao mesmo tempo, por isso surgem algumas limitações tanto metodológicas como temporais. Ainda que esteja claro que a subjetividade não muda na mesma velocidade da tecnologia, é esperado que as pesquisas acompanhem as novas invenções e tendências como, por exemplo, a criação de uma nova rede social ou um novo tipo de aplicativo, ponto que demonstra uma limitação não só do presente estudo como de outras pesquisas que abordam temáticas semelhantes.

4. “Ser alguém em algum lugar”: internet, juventude e pertencimento

Resumo: Este trabalho tem como objetivo investigar a função da internet como um espaço de pertencimento para os jovens. Foram entrevistados, no aplicativo WhatsApp, 6 jovens brasileiros, entre 18 e 24 anos, usuários do YouTube. Foram também avaliados vídeos dos entrevistados. O material obtido foi analisado segundo o método de análise de conteúdo, na sua vertente categorial. Os resultados apontam que o ciberespaço funciona como um lugar de pertencimento principalmente no que concerne a questões referentes à homossexualidade, à autoaceitação e à depressão. Conclui-se, portanto, que embora o uso excessivo da internet possa causar prejuízos para a saúde mental e as relações sociais, é inegável que para alguns jovens se trata de um espaço imprescindível em que encontram apoio, informações e conforto. Tudo isso contribui para que sintam que encontram um lugar no mundo e pessoas que compartilham sentimentos e vivências similares.

Palavras-Chave: Jovens; internet; pertencimento; depressão; homossexualidade.

Abstract: This paper aims to investigate the function of the Internet as a space of belonging for young people. To this end, six young Brazilian male YouTube users aged between 18 and 24 were interviewed by WhatsApp and videos made by them were also evaluated. The content analysis method in its categorical aspect was used to analyze data obtained. Results show that the cyberspace functions as a place of belonging, especially regarding issues related to homosexuality, self-acceptance and depression. We conclude that although excessive use of the Internet can be a threat to mental health and social relations, we may not deny that it is an essential space for some young people where they find support, information and comfort, as they feel that they have found a place in the world and can connect to people who share similar feelings and experiences.

Keywords: Youth; Internet; belonging; depression; homosexuality.

Embora a adolescência seja uma construção social recente, que se cristalizou em meados do século XIX (Savage, 2009), as discussões sobre a travessia para a vida adulta não são novidades no meio acadêmico. Diversos estudiosos (Ariès, 1981; Le Breton, 2017; Matheus, 2010 e Savage, 2009) têm se dedicado a pensar os obstáculos desta fase da vida ao longo da história: a inserção social, a sexualidade, a construção da identidade, o reconhecimento da singularidade de cada jovem e a escuta de seus desejos, medos e anseios são algumas das principais dificuldades. Faz-se necessário frisar que a concepção de adolescência adotada pelo presente trabalho converge com as pesquisas de Le Breton (2017), Morris J. L. Stambler (2017) e Sawyer, Azzopardi, Wickremarathne e Patton (2018), na medida em que estas salientam uma dilatação da adolescência, promovida por inúmeras mudanças sociais, tal como a revolução digital, tanto no que concerne à idade de início da mesma como ao seu término. Le Breton (2017) chega nomear os indivíduos que estão nessa fase da vida como “adulescentes” (p.84). Por conseguinte, não será feita qualquer distinção entre adolescência e juventude.

Apesar de os jovens terem conquistado um espaço na sociedade, como aqueles que comportam em si a esperança de um futuro melhor e um ideal comportamental e estético (todos querem ser jovens), cada vez mais sentem-se perdidos e desamparados pelos indivíduos que seriam seus guias na transição para a fase adulta: os próprios adultos. Se por um lado, os adultos se omitem, por outro, ainda transmitem uma série de padrões e de estigmas que enredam o caminho dos jovens. Ao mesmo tempo que é dito a estes que o mundo está repleto de possibilidades viáveis, são apresentados determinados rumos que seriam considerados normais, no que se refere, por exemplo, à sexualidade e à forma de se mostrar para o mundo, seja por meio de vestimentas e/ou comportamentos. Em outras palavras:

O que prevalece é a reprodução da imagem transitória de uma adolescência estereotipada, em convenções sociais que oscilam conforme os modismos (Dias et al., 2019, p. 7)

Nesse sentido, ainda que existam certos parâmetros comportamentais que ditam o que é esperado dos jovens, estes sentem-se perdidos e sem um norte: podem experimentar todas as possibilidades, mas devem escolher a que convém aos adultos; são convidados a mostrar suas qualidades peculiares, contudo

desviar-se, por exemplo, da orientação heteronormativa ainda parece inadmissível. Confusos estes sujeitos perdem-se de si mesmo e do outro, na medida em que não sabem mais quem são e onde se encaixam. Neste momento, o suporte da família e dos amigos seria fundamental, todavia nem todos contam com tal apoio. Buscam, portanto, as mais variadas saídas que vão desde a adequação total às expectativas sociais à busca no ciberespaço por um grupo ao qual possam pertencer e em que possam encontrar suporte social.

A relevância da internet dos adolescentes é destacada por diversos autores, inclusive psicanalistas, a exemplo de Tisseron (2015), que aponta a criação de personagens nos jogos digitais como uma forma de travessia da adolescência: “criar cópias virtuais de si e aprender a movimentá-las nos ambientes e nas diferentes redes relacionais passou a ser um novo ritual de passagem da infância para a idade adulta” (Tisseron, 2015, p. 114). Seguindo o mesmo raciocínio, Mendes (2015) e Carvalho (2015) reportam em seus trabalhos casos de adolescentes que apontam para usos criativos da tecnologia e seus recursos (smartphones, Facebook e games/chats, respectivamente), principalmente no que diz respeito à jornada em direção à vida adulta.

Vemos que se os adolescentes, às vezes, se perdem nas novas tecnologias, isso não deve ocultar o que a maioria deles está procurando. Quer se trate de gerenciar excitações e conflitos psicológicos, considerar imagens, negociar a passagem para a idade adulta ou definir sua própria intimidade, as novas tecnologias apresentam muitos novos marcos e benchmarks que os terapeutas precisam saber, de modo a não confundir os desejos que orientam o seu uso (Tisseron, 2007, p. 268, tradução nossa).

Tal como Tisseron (2007), Aiken (2016) pontua que, muitas vezes, ao postar uma selfie, o jovem está em busca de si mesmo, especialmente a partir da confirmação, que o olhar do outro lado da tela pode oferecer. É interessante citar comentário de Aiken (2016) que propõe que o feedback procurado na internet pode vir não só de amigos, mas também de testes e aplicativos que analisam a personalidade, perfis astrológicos, entre outros. Desse modo, pode-se afirmar que o processo de autodescoberta do adolescente continua on-line e, claro, também envolve riscos. Dependendo da forma como utilizada, a tecnologia também pode envolver os jovens em embaraços sociais e subjetivos, deixando-os confusos e imersos nos atrativos da rede, tendo sua capacidade reflexiva rebaixada e repertórios por vezes repetitivos, fragmentados e empobrecidos (Lima, 2006). Alguns psicanalistas, como Frederique, Mazoyer e Marjorie(2016), acreditam,

inclusive, que a adição ao mundo virtual pode ser considerada uma patologia da transicionalidade. Isso equivale a dizer que o sujeito poderia criar uma relação de apego com o computador e seus recursos similar aos cenários mais primordiais de dependência. Esse processo de superinvestimento e cola no objeto dificultaria a emergência da criatividade, promovendo um uso estereotipado e pouco saudável. Isso não significa que deva ser a interação com a tecnologia capturada por um enfoque exclusivamente patologizante, como se fosse um ambiente unicamente de isolamento e solidão. Afinal, tudo dependerá do modo e do tipo de uso que o indivíduo fará dos recursos disponíveis no mundo virtual.

Salienta-se que a internet não traz nenhuma novidade no que concerne ao fato de o adolescente se colocar em risco. Desde Rousseau (1995), com a concepção centrada na crise, passando por Hall (1904) -o chamado pai da adolescência- esse tipo de comportamento é notado. Contudo, a internet parece potencializar e inaugurar novos perigos, ao mesmo tempo que abre espaço para a edificação de grupos e comunidades que oferecem ao jovem uma certa satisfação narcísica, “um lugar no mundo” (Guerra et al., 2017, p. 15).

Desde que a internet extrapolou os muros das universidades e das instituições militares e alcançou a sociedade como um todo, sua dimensão social vem sendo pensada. Turkle (1997), ao falar sobre os primórdios do mundo virtual, recorda que suas ferramentas começaram a ser utilizadas pelas massas populacionais, principalmente por meio de chats e de jogos nos quais os usuários criavam personagens, cenários e outros mundos. Em adição, Tisseron (2015) pontua que a “multiplicação criadora” (p.103) é propiciada pelos recursos da tecnologia digital, na medida em que esses fornecem espaços e meios que possibilitam que o sujeito construa a si mesmo de diversas formas. Tudo isso não só devido aos recursos disponíveis, como também às diversas relações que estabelecem no mundo virtual.

Partindo dessa premissa, a internet, desde seu nascimento e sua propagação para usuários de todo o mundo, estaria atrelada à criatividade (como uma expressão e afirmação da existência possível para todos) e à construção de papéis, de alguma forma, atados à vida desplugada daqueles que dela fazem uso. Criatividade que pode ser observada no uso cotidiano que os adolescentes fazem deste recurso, seja por meio de selfies, da criação de canais no *Youtube* ou, até mesmo, de páginas no *Facebook* que podem ser consideradas verdadeiras poesias

(Lipovetsky, 2016). Longe do viés patologizante, o presente trabalho parte da noção de que a internet é um “espaço desprovido de forma própria, que convida à apropriação, interface indestrutível, adaptado ao ritmo de cada um” (Tisseron, 2015, s/p), ou seja, um espaço em potência para que cada um possa experimentar e criar possibilidades de existência inéditas. Não é sem razão que Castellacci e Tveito (2018) afirmam que os efeitos da internet no bem-estar dos indivíduos dependem não só de suas características individuais, como também do uso que fazem de seus recursos. É imprescindível salientar que um espaço de experimentação é indispensável na travessia da adolescência para a vida adulta – momento de novas descobertas e potenciais conflitos.

A princípio, chats, listas de e-mails, blogs e fóruns de discussão eram as ferramentas mais utilizadas. Todavia, desde o advento das redes sociais, o Youtube, o Instagram, grupos no Facebook e no Whatsapp tomaram a cena. Consoante com o Comitê Gestor da Internet no Brasil- CGI.br- (2019), 24, 3 milhões de crianças e adolescentes estão conectados à internet. Dentre estes, 83% utilizam a rede para assistir a vídeos, principalmente no Youtube, rede social que se diz orientada, além da liberdade de expressão e o direito à informação, pela liberdade de pertencimento, isto é: “acreditamos que todos devam ser capazes de encontrar comunidades de suporte, eliminar obstáculos, ultrapassar as fronteiras e reunir-se em torno de interesses e paixões compartilhadas” (Youtube, 2019). Pertencimento que se mostra primordial na adolescência, já que, segundo Winnicott (2005), “os adolescentes têm sim problemas com os instintos, no entanto, mais importante do que isso é que eles querem ser alguém em algum lugar” (p. 123). Nesse sentido, não é de se estranhar que os jovens tenham necessidade de socializar com grupos com os quais se identifiquem e nos quais se sintam reconhecidos. É com o apoio de seus pares que os adolescentes continuam o processo de construção da identidade. Assim, necessitam do olhar do outro para que possam confirmar se o que percebem sobre si faz sentido e se são aceitos pelo grupo.

Conforme dados da Unicef (2017), os jovens entre 15 e 24 anos fazem parte do grupo mais conectado à internet. 71% dos jovens nessa faixa etária estão conectados. Se por um lado, a internet pode contribuir para o aparecimento de sintomas depressivos e ansiedade, especialmente para aqueles que passam mais tempo conectados, por outro, fornece suporte social que muitos jovens não

encontrariam em outro lugar (Bauer, 2019; Fundação Telefônica Vivo, 2019; Rideout & Robb, 2018; Schimmel-Bristow & Ahrens, 2018 e Unicef, 2017). Em adição, ressalta-se a oportunidade de sentirem-se incluídos socialmente, principalmente, por parte das etnias e identidades sexuais minoritárias. A recente pesquisa produzida pela Fundação Telefônica Vivo revela que:

Ainda que 57% concordem que a internet piora a ocorrência de ansiedade entre eles, é importante destacar que 28% percebem que ela pode colaborar para a melhora desse quadro. Para os jovens consultores, o aumento da dependência pela conexão e das possibilidades de construir uma identidade pode levar a processos de ansiedade e depressão entre jovens (Fundação Telefônica Vivo, 2019, p. 158).

De todo modo, ainda não foi esclarecido se são as redes sociais que estão causando impactos negativos à saúde mental dos jovens ou se estes, já com questões ligadas à depressão e/ou ansiedade, estão se voltando para o ciberespaço com o intuito de lidar com seu mal-estar (Common Sense Media, 2018; Sugarman, 2017). Discussão que se mostra ainda mais relevante, uma vez que a geração atual de jovens, a “geração digital”, segundo Bauer (2019), tem sofrido cada vez mais com sintomas depressivos, estresse e ansiedade, em especial a população LGBTQIA+ (Lésbicas, gays, bissexuais, transsexuais ou transgêneros, queer, intersexo, assexual e todas as possibilidades de gênero e/ou orientação sexual). Informação também acentuada por Zervoulis, Smith, Reed e Dinos (2019), visto que estes autores confirmam a maior vulnerabilidade dos adolescentes não heterossexuais no que se refere à saúde mental. Tais constatações, se aliadas a informações da Organização das Nações Unidas (ONU, 2019) que destacam que 20% dos adolescentes em todo mundo sofrem com transtornos mentais, tornam-se ainda mais alarmantes. No contexto do Brasil, dados da Pesquisa Nacional de Saúde (2018) apontam que 11,2 milhões de brasileiros foram diagnosticados com depressão. Patologia que é considerada como uma das principais causadas de doença e incapacidade entre os adolescentes (Organização Pan Americana de Saúde Brasil, 2018; Santrock, 2014), além de ainda ser repleta de tabus e estigmas, principalmente entre os homens que consideram a depressão como um sinal de fraqueza que pode ser vencido pelo pensamento positivo (Ibope Conecta, 2019). Logo, são poucos os indivíduos que se dispõem a procurar tratamento e/ou a falar sobre o assunto com a família e os amigos. Conforme Murphy et al. (2018), os jovens que se encontram mais frágeis são aqueles que mais procuram fontes sobre saúde mental on-line, contudo pouco

se sabe sobre os principais recursos procurados por esse público. Diante dos inúmeros obstáculos presentes principalmente no imaginário social, que acaba negando os sintomas depressivos e/ou rotulando as pessoas que ousam falar sobre o assunto como preguiçosas e fracas, não se pode desconsiderar as diversas saídas que os jovens inventam para lidar com a depressão. Inclusive, aquelas que são edificadas no ciberespaço, ainda que haja certa resistência em reconhecer que se trata de um lugar que também pode ser ocupado de forma saudável.

Para alguns autores (Carras, 2017; King, Nardi, e Cardoso, 2014; Standlee, 2016; Xu, 2017; Young et al., 2011) a internet implica primordialmente em malefícios, tais como vício, afastamento interpessoal, usos compensatórios para sentimentos dolorosos e baixa autoestima e alienação social. Todavia, Romão-Dias e Nicolaci-da-Costa (2012) e Sugarman (2017) propõem, respectivamente, que esta rede pode também pode ser enriquecedora, enquanto um espaço propício para o brincar e um lugar de experimentação seguro que contribui para o processo de autorregulação da ansiedade, do narcisismo e da agressividade. É necessário frisar que Romão-Dias e Nicolaci-da-Costa (2012) utilizam as ideias do psicanalista inglês, D.W. Winnicott, para pensar a brincadeira enquanto uma expressão individual saudável que dá certo sentido para a vida. Partilhando de um caminho teórico similar, Mendes (2015) traz exemplos de como o smartphone pode funcionar como um objeto transicional (seguindo o pensamento winnicottiano), principalmente em momentos em que o sujeito se vê envolvido com dificuldades, embaraços e sofrimento. Para essa autora, interessa como essa ferramenta pode ser usada como um laboratório de experimentações, no qual o sujeito pode elaborar seus conflitos psíquicos e edificar possíveis soluções para eles. Carvalho (2015), por sua vez, identifica em seu artigo dois casos clínicos em que adolescentes, por meio do Facebook, lograram nomeações distintas das que lhes eram outorgadas pela sociedade até então. Uma das adolescentes acompanhada pela psicanalista, segundo a autora, sai do lugar de “esquisita” em que sua mãe insistia em colocá-la, sendo acolhida pelos amigos do Facebook, onde pôde experimentar novas possibilidades de fazer parte da sociedade.

O ciberespaço, principalmente a partir do momento em que se tornou parte indispensável da rotina de qualquer indivíduo, não só conecta conhecidos e desconhecidos de todas as partes do mundo como também oferece a oportunidade para que jovens que se sentem perdidos encontrem suporte emocional (Dias,

2016; Green, 2007; Tanis, 2007) e espaços onde possam existir de forma singular e única (Boyd, 2014). Le Breton (2017), acredita que “...ao buscar nas redes sociais um holding, um apoio com referências sólidas, o jovem encontra apenas a desapropriação e o sarcasmo no olhar do outro” (p.21). Contudo, segundo Tanis (2007), é notável a relevância de tal sustentáculo, especialmente, para indivíduos que sofrem com depressão, ansiedade, obesidade e que se sentem excluídos socialmente por causa de uma característica pessoal que não é bem vista aos olhos da sociedade, como a homossexualidade. Os benefícios parecem ser inúmeros, tais como: a redução do nível de estresse, a diminuição da sensação de solidão e isolamento, o acesso a novos conhecimentos e informações e a construção de estratégias para lidar com situações difíceis (Escobar-Vieira et. al, 2019; McInroy & Craig, 2019; Pew Research Center, 2018b; Rideout & Robb, 2018; Sugarman, 2017; Tanis, 2007 e Unicef, 2017).

Seguindo percurso semelhante, Hau (2018) revela também que alguns jovens representantes das minorias sexuais sentem-se orgulhosos por pertencerem a determinadas comunidades on-line que os auxiliam, inclusive, a serem mais resilientes, ou seja, a conseguirem perseverar ainda que existam problemas e obstáculos. Harper, Serrano, Bruce e Bauermeister (2016) completam a lista de benefícios: informar-se sobre a vida da comunidade gay/bissexual, encontrar conforto e aceitação em relação a orientação sexual, além do contato com semelhantes. Em outras palavras, uma vez que lidam com

Preconceitos de diversas ordens, esses jovens podem estar buscando mais as tecnologias para encontrar outros jovens que passam pela mesma situação ou grupos com os quais se identificam, além de buscar anonimato e maior segurança (Bauer, 2019, p. 53).

De acordo com os trabalhos de Lucassen et al (2018) Mcinroy e Craig (2019) , Giano (2019) e Petruzzella, Feinstein, Davila e Lavner (2019), diante dos desafios que os jovens representantes das minorias sexuais enfrentam no processo de definição de suas identidades, tais como o medo de rejeição e o fato de serem vítimas de situações de preconceito e violência, a internet assume um papel primordial para o processo de socialização e para a saúde mental dos mesmos. O mundo digital, além de fornecer novas informações, suporte e comunidades às quais possam pertencer, propicia um espaço seguro para que estes jovens possam explorar suas identidades em construção, isto é, experimentar on-line

comportamentos para os quais não se sentem preparados para desempenhar off-line (Mcinroy & Craig, 2019). Como bem ressalta Le Breton:

Nesse sentido, as tecnologias de comunicação e de informação constituem um imenso espaço potencial (Winnicott, 1975) à disposição do jovem, se ele tiver flexibilidade, fluidez, capacidade de recuar, jogo e humor (Le Breton, 2017, p.22).

Um dos participantes da pesquisa de Escobar-Viera et al (2019), ao falar sobre as redes sociais, diz que “eu não me sinto como o estranho” (p.1, tradução nossa), isto é, os jovens que não se identificam como heterossexuais constroem por meio das relações estabelecidas no ciberespaço o sentimento de pertencimento e reconhecimento (Selki, Adkins, Masters, Bajpai, Shumer, 2019; Unicef, 2017).

Diante do exposto, o objetivo do presente estudo é investigar a função da internet como um espaço de pertencimento para os jovens.

Método

Sujeitos

Na presente investigação foram entrevistados 6 jovens do sexo masculino (nomeados como entrevistados de 1 a 6), entre 18 e 24 anos, residentes no Rio Grande do Sul, São Paulo e Rio de Janeiro, das camadas médias da população, universitários ou recém- graduados, e usuários do *YouTube*.

Instrumento

Foram realizadas entrevistas no aplicativo What'sApp, por meio de áudios, com roteiro semiestruturado invisível, elaborado anteriormente a partir dos seguintes eixos temáticos: ferramentas mais utilizadas na internet, lugar que a internet ocupa na vida dos entrevistados e a função da internet na construção de resoluções de conflitos, especialmente os familiares. Além disso, foram analisados dois vídeos de cada entrevistado, indicados pelos mesmos como os mais representativos das questões discutidas ao longo da entrevista.

É imprescindível dizer que a escolha por efetuar a entrevista on-line se deu não só pela praticidade, já que a ideia era entrevistar jovens de qualquer região do Brasil, como também pela constatação, apontada por vários autores (Fundação Telefônica Vivo, 2019; Romão-Dias & Nicolaci-da-Costa, 2005), de que esse público sente-se mais à vontade para falar sobre questões pessoais quando há a mediação da internet. Segundo dados da Fundação Telefônica Vivo (2019), 98%

dos adolescentes estão conectados no What's App diariamente. Tal aplicativo, de acordo com os dados da pesquisa, deixa os jovens mais confortáveis para pronunciarem-se sobre questões pessoais, expressando-se com mais facilidade no ambiente virtual.

Procedimento

A escolha dos participantes se deu através do método de amostragem por conveniência (Richardson, 2017). Inicialmente, efetuou-se uma busca livre de jovens que possuíam ou participavam de algum canal no Youtube. Houve dificuldade de comunicação com os possíveis participantes da pesquisa, realizada inicialmente pelo contato disponibilizado no canal, que se deu por causa da ausência de respostas e/ou demora destes para se posicionar. Desse modo, a pesquisadora optou, após a primeira entrevista, por solicitar indicações dos entrevistados, lançando mão da técnica de amostragem bola de neve, mais conhecida como *snowball sampling* (Vinuto, 2014). As entrevistas e os vídeos foram analisados, segundo os critérios propostos por Bardin (2011), e várias categorias de análise emergiram a partir daí.

Resultados e discussão

Das narrativas dos entrevistados, emergiram várias categorias de análise. Considerando o objetivo deste estudo, serão discutidas as seguintes categorias: *homossexualidade*: “*calma, vai dar tudo certo*”, *autoaceitação*: “*seja você mesmo*” e *depressão*: “*não é só comigo*”.

Homossexualidade: “*calma, vai dar tudo certo*”

Os entrevistados afirmam que os jovens homossexuais, na medida em que não encontram apoio de seus familiares e pares, descobrem na internet um espaço de acolhimento e identificação.

Eu tenho amigos que eles são homossexuais e a família não aceitava. Então, eles tiveram que... ah.. eles não sabiam o que fazer, aí foram pra internet e acharam outras pessoas que estavam passando pelo mesmo tipo de coisa, de situação. E aí, discutiram, conversaram, porque, certamente, quem tá passando por isso precisa de um ‘calma, vai dar tudo certo’, já que a família não tá fazendo isso, já que a família está fazendo totalmente o contrário. Eh... alguém precisa falar que ela vai conseguir, que vai dar tudo certo. O papel da família seria fazer isso, mas não é todas famílias que sentam e conversam, né? Têm as pessoas ignorantes e eu acho que a internet ajuda muito nisso (Entrevistado 1, Rio Grande do Sul, 18 anos).

Com o tempo, principalmente com a questão de redes sociais, foi importante pra eu ver que eu não estava sozinho, sabe? Pra eu ver que não era só comigo, não era só eu que tinha problema, que tinha essa síndrome de se achar inferior frente a outras pessoas, a outros irmãos. Eh... que tinha essa questão de querer uma atenção que não se tinha. Foi muito importante para mim me aproximar de pessoas que... viraram uma segunda família, sabe? Questão de amigo mesmo, de virar uma segunda família, de me apoiar, de entender questões que eu estava passando pra me ajudar mesmo, sabe? Acho que a internet me permitiu entender... não entender, mas não ver como total anormalidade.... que era ruim não eu estar dentro do que todo mundo esperava de mim, sabe? Porque... digo isso, porque essa questão de me assumir eu demorei bastante tempo, porque pra mim nunca foi de fato uma possibilidade. Pra mim era mais uma coisa do tipo eu não sou o que se espera, mas tudo bem. Ok! Eu não era necessariamente gay. Só que com o tempo eu fui percebendo essa facilidade de absorver que tudo bem eu ser diferente veio muito por causa desse conhecimento que eu vi através da internet, sabe? Então, acho que a internet me ajudou como ser humano, me ajudou a me entender e conseguir ter mais acesso a coisas. A minha geração é muito mais aberta a diálogos e entendimentos novos do que a geração dos meus pais e acho que é um pouco o serviço que a gente tem que fazer (Entrevistado 4, 22 anos, Rio de Janeiro).

Recebo muita coisa, principalmente pelo fato de ser gay, eu recebo muita... muita coisa de pessoas que são homossexuais e que não se entendem e que os pais não aceitam, sabe? E que eles querem que, de alguma forma, tu diga pra eles que vai ficar tudo bem, sabe? E eu recebo muito isso: 'A minha mãe não me aceita' ou 'Eu não sei como contar pros meus pais. O que eu faço?' Sabe? Então, essa ideia surgiu a partir disso e também porque na roda de amigos eu meio que sou o conselheiro, sabe? Os meus amigos sempre me procuram pra algum tipo de conselho. Então, se eles me procuram, é porque eu dou bons conselhos, né? Então, por que não fazer isso no canal com as pessoas que acompanham e que me pedem algum tipo de ajuda, sabe? E... não custa, sabe? Eu acho que, a partir do momento em que tu cria um canal, em que tu quer virar uma pessoa pública e tu pode ajudar de alguma forma... eh...por que não fazer isso, entendeu? Muitas pessoas precisam de ajuda, esclarecimento e isso acaba não só ajudando aquela pessoa que me mandou a questão, mas também outras pessoas que vão assistir o vídeo, né? E que passam pela mesma coisa. Então, essa ideia veio a partir disso, né? A partir dos meus amigos por me pedirem conselhos sempre...eh... então, por eu ter essa fama de bom conselheiro, eu juntei o útil ao agradável, sabe? E as pessoas me mandando coisas, questões pessoais e tal... e me pedindo uma ideia, uma opinião. Então, eu resolvi criar o quadro pra facilitar tudo isso e não pra ajudar só aquela pessoa que tá precisando, mas sim as outras que vão assistir o vídeo e vão se sentir acolhidas de alguma forma, né? (Entrevistado 3, 23 anos, Rio Grande do Sul).

Como podemos apreender das falas, a homossexualidade traz inúmeras indagações tanto no que concerne ao modo como o próprio jovem se vê como à aceitação social. Diante da dificuldade da família e dos pares em acolher e aceitar os jovens homossexuais, principalmente por estarem presos a estereótipos e preconceitos acerca do que é ser *gay*, fica ainda mais evidente a necessidade do apoio que encontram na internet. Se por um lado, o entrevistado 1 e 4 falam sobre a importância do suporte dos amigos e das informações encontrados no mundo

virtual, o entrevistado 3 revela servir como amparo para outros jovens que procuram alguém que os acolha e que lhes dê um norte acerca das inúmeras dúvidas que permeiam a orientação sexual. Tudo isto corrobora o que foi postulado pelas pesquisas de Bauer (2019), Giano (2019), Harper, Serrano, Bruce e Bauermeister (2016), Hau (2018) Rideout & Robb (2018) e Unicef (2017) acerca da sensação de pertencimento que os jovens que não se identificam como heterossexuais encontram em grupos no mundo virtual.

Além disso, a fala do entrevistado 4 revela o medo, comum a muitos jovens em situação similar, de não serem normais, isto é, de não corresponderem ao que é esperado socialmente: a heterossexualidade. Além de conviverem com a expectativa de que devem ser heterossexuais, os jovens homossexuais, parecem encontrar em seu entorno informações negativas acerca do que é ser um homem *gay*. Assim, não é de se estranhar que estes jovens sintam-se amedrontados por serem diferentes, além de incompreendidos, o que respalda as premissas de Flowers e Buston (2001); Storey e Cronoe (2012); Escobar-Vieira et al. (2019) e Mcinroy e Craig (2019). Solitários e repletos de interrogações os jovens buscam espaços seguros e confiáveis, a família e a escola poderiam fazer este papel, contudo ainda se encontram presos a definições preconceituosas sobre a homossexualidade. Deste modo, a internet acaba sendo uma opção atrativa, na medida em que promove contato com pessoas que passam a compor uma rede de apoio, além de entenderem ou já terem passado por situações semelhantes (Hau, 2018; Unicef, 2017). Comunidades que oferecem a esses jovens um lugar no mundo (Guerra et al., 2017) e a sensação de pertencimento, já que ocasionam, além da convivência com pares semelhantes, apoio emocional (Youtube, 2019).

Em um dos vídeos do seu canal no Youtube, o entrevistado 5 fala sobre as dificuldades que enfrenta diante das definições estereotipadas da homossexualidade e da falta de representatividade da diversidade de pessoas LGBT, inclusive na literatura. O jovem utiliza dois livros para defender seu argumento e afirma que, ao contrário do que tais obras mostram, “existem gays de todos os tipos [. . .] as pessoas são seres humanos independentemente da orientação sexual ou identidade de gênero”, ou seja, a imagem que liga o homossexual a uma figura afeminada e animada demais, apesar de ser predominante na mídia e no imaginário social, faz com que os jovens que não se

identificam como heterossexuais, mas também não se enquadram no que o senso comum diz sobre o que é ser gay, sintam-se perdidos e sem referências. O entrevistado 5 resolve, então, indicar dois livros que abrangem várias formas de ser e pertencer ao grupo LGBT. Dessa forma, constrói um espaço de troca onde pode falar sobre seus incômodos, expandir seus horizontes, além de ajudar pessoas que também precisam de acolhimento e apoio, o que vai ao encontro dos trabalhos de Escobar-Vieira et al. (2019), Lucassen et al. (2018), Mcinnroy e Craig (2019), Selki, Adkins, Masters, Bajpai e Shumer (2019) e Unicef (2017), ao ressaltarem a relevância das redes sociais para os jovens das minorias sexuais. Importância que está relacionada, especialmente, ao sentimento de pertencimento, ao acesso à informação e a um espaço seguro de experimentação.

Autoaceitação: “Seja você mesmo”

As narrativas a seguir revelam a importância da internet para jovens que não conseguiam se expressar por medo de não serem aceitos pelos colegas e por insegurança em relação a demonstrar (ou não) suas características mais particulares.

A internet me abriu muitas portas, eu fico muito agradecido por ela existir, porque a própria timidez minha, depois que eu criei meu canal no *Yotube*. É...tipo... tudo mudou. Hoje em dia, eu sou bem melhor com a timidez, consigo me expressar, eu gosto de conversa com meus amigos. Antes, eu mal tinha amigo, não gostava de falar com as pessoas. Quando eu estava no colégio, eu não gostava de enturmar, eu ficava no meu canto. E a própria internet abriu essas portas pra mim. Pra mim poder me expressar, para as pessoas me verem como eu sou. [. . .] Eu sempre gostei de comunicação, mas eu sempre fui muito tímido. Esse vídeo que eu fiz sobre timidez foi um dos melhores pra mim, porque foi ali que eu soltei o que eu queria dizer mesmo, ser eu mesmo sem me preocupar com padrões e tentar ajudar quem tem esse problema de timidez e insegurança. E esse vídeo foi super bem recebido, eu recebi um monte de mensagens, as pessoas dizendo obrigado, porque, realmente, é um negócio muito chato tu não poder se expressar, não poder falar o que tu sente, tu não se sentir aceito como você é. (Entrevistado 1, 18 anos, Rio Grande do Sul).

Eu acho que sim, porém com questões mais pessoais, envolvendo comunicação, expressão, meio de fala. Como eu trabalho com internet, eu trabalho com comunicação na internet. Então, treinando, falando com a câmera eu aprendi a me expressar melhor, perdi um pouco da vergonha, sem deixar de ser eu mesmo (Entrevistado 6, 22 anos, São Paulo).

Eu comecei a acompanhar um pessoal no Youtube, assim, tipo, aleatoriamente, eu nem sabia o que significava o termo Youtuber, nem sabia que existia isso, né? Nem sabia que podia ser um a profissão. E aí, eu comecei a acompanhar um canal chamado Luba TV, provavelmente, tu conhece, eu não sei. E ele me inspirou muito, assim...Eu assisti um vídeo dele chamado “seja você mesmo” em que ele falou umas coisas bem legais e daí ali eu tive um clique, sabe? Por que eu não

posso fazer isso, né? Do meu jeito, sendo quem eu sou (Entrevistado 3, 23 anos, Rio Grande do Sul).

As falas indicam que a internet oferece um espaço de experimentação no qual os entrevistados têm a oportunidade de serem eles mesmos, sem se preocuparem tanto com o julgamento externo. Tudo isso aliado ao fato de os jovens poderem ter contato com pares que estimulam a expressão autêntica e individual, ratifica o que foi destacado pela Common Sense Media (2018) quando esta destaca que as redes sociais fazem os jovens sentirem-se mais confiantes, mais populares e bem consigo mesmos. Além disso, os entrevistados consideram o ciberespaço como um lugar de treinamento e experimentação, principalmente quando ainda não se sentem preparados. Assim, as narrativas vão ao encontro das ideias de Tisseron (2015) que acredita que a internet serve a cada indivíduo de uma forma peculiar, isto é, de acordo com o uso que é feito de suas ferramentas e das necessidades de cada um. Nesse sentido, os jovens podem criar e recriar, quantas vezes necessitarem, versões diferentes de si que servirão como experimentos que auxiliam na construção da identidade (Carvalho, 2015; Mendes, 2015; Turkle, 2007).

Ao fazerem experiências e brincarem na internet, os entrevistados, além de conseguirem expor suas características mais particulares, bem como exposto por Romão-Dias e Nicolaci-da-Costa (2012) e Tisseron (2015), esperam a aprovação de quem assiste a eles. Nas redes sociais, tal confirmação vem, muitas vezes, por meio de likes, comentários e compartilhamentos. Assim, caso uma publicação não atenda a essas expectativas, é como se algo de si estivesse sendo pouco valorizado. Não é à toa que os entrevistados, praticamente em todos os vídeos de seus canais no Youtube, solicitam aos internautas curtidas, comentários e compartilhamentos. Não se pode desconsiderar os efeitos ansiogênicos nesse processo, porém também é inegável que com seus canais os jovens criam espaços de discussão e troca, inclusive sobre temas ligados à autoaceitação e à identidade.

Depressão: “não é só comigo”

Os entrevistados apontam que a internet tem sido uma fonte essencial de informação e acolhimento para questões concernentes à depressão.

Eu tenho depressão e eu já procurei textos na internet pra tentar entender melhor o que estava acontecendo comigo. Pra... enfim, pra poder me entender melhor. E daí teve sites que ajudaram, sabe? Não sei te dizer quais são agora, mas eu

procurei no *Google* ali, sabe? No pesquisador do *Google* o que eu tava sentindo, o que eu tava querendo procurar. E aí eu encontrei coisas que ... que... textos que me ajudaram bastante, assim. Então, eu acho que essa é a forma positiva que a internet tem sobre as pessoas. E, claro, algumas pessoas que tu segue, que tu acompanha elas também fazem esse trabalho que eu tento fazer, né? Que é tentar ajudar as pessoas de alguma forma. Então, o Luba, por exemplo, é uma pessoa que eu sigo, que eu gosto, que ele me faz sentir bem, porque ele faz, justamente, o que eu tento fazer, sabe? É tentar ajudar as pessoas e deixar elas se sentirem bem consigo mesmas [. . .] eu acho que o me deixou confortável foi saber que não é só comigo que acontece isso, né? Porque, quando eu fui atrás, que eu fui saber o que era, eu joguei sintomas que eu tava sentindo, sabe? E daí eu fui descobrindo, eu fui indo atrás e daí eu cheguei a conclusão de que era depressão, porque... eu ficava... eu me sentia sozinho... coisas assim. E o que me deu conforto foi saber que não é só comigo que isso acontece, sabe? E daí eu entrei em vários sites, alguns deles eram profissionais que estavam conversando, né? Eh....que escreveram, na verdade, os textos... e...então, tipo assim, ela (a internet) me ajudou no sentido de que eu pude entender o que tava acontecendo comigo e procurar uma ajuda profissional depois disso, entende? Daí, eu comecei a fazer terapia e tudo mais e.... e foi bom... ela foi o gatilho pra fazer eu procurar ajuda profissional, porque antes eu não sabia o que tava acontecendo, eu não entendia. Eu só achava que acontecia aquilo que tava acontecendo só comigo e que... eu não sabia que as pessoas passavam por essas coisas, né? Que isso era depressão...Então, me ajudou nesse sentido. de saber que eu não tô sozinho ... de identificar que eu estava com depressão e que eu deveria procurar ajuda (Entrevistado 3, 23 anos, Rio Grande do Sul).

Eu acho que...eh... falando por mim e por experiência de amigos próximos também eu acho que essa questão de encontrar um grupo de apoio, encontrar entendimento é realmente um diferencial. Eu tive depressão...eh... em 2011 e foi muito graças à internet que estive próximo a amigos que me ajudaram a passar por esse momento, sabe? Tive... desenvolvi depressão pela morte de uma melhor amiga. Na época, não me sentia ainda tão aberto a conversar com os meus pais, para estar em contato com um profissional... tudo mais. Acho que hoje em dia isso é muito mais diferente... acho que hoje em dia existe esse apelo muito grande para que os jovens não se excluam e não pensem que estão sozinhos. Eu acho que isso para mim, em 2011, quando eu estava em contato com a internet, com os meus amigos que moravam longe ou amigos mesmo que moravam perto, mas que, por conta da depressão, eu não conseguia encontrar e tudo mais [. . .] acho que foi isso muito me ajudou... a me ver espelhado em outras pessoas, estar próximo de outras pessoas, mesmo sem estar próximo fisicamente. Isso é muito importante para mim. Eu acho que se hoje em dia estou estável, por acaso, né? (risadas) É que depressão a gente sabe como é que... não é uma segurança de que você está curado, mas se eu estou bem e eu fiquei bem, até que rapidamente se forem parar para pensar...assim se eu for parar pra pensar...eh.. foi graças a esse contato que eu tive muito próximo internet. Lá em 2011, eu já tinha praticamente Notebook já meu, entendeu? Já era uma coisa mais minha. Então..eh.. essa proximidade com os meus amigos, essa busca por informação, esse entendimento de que aquilo estava acontecendo comigo era de fato depressão e não alguma coisa diferente, enfim, sabe? Acho que foi muito importante para mim nesse momento, de fato. (Entrevistado 4, 22 anos, Rio de Janeiro)

As falas dos entrevistados corroboram os dados da pesquisa do Ibope Conecta (2019), visto que a mesma aponta que o tema depressão ainda é um tabu, principalmente entre os homens que têm vergonha de falar sobre o assunto por

causa do estigma que o mesmo carrega. Portanto, faltam ainda informação e espaço de escuta para jovens que sofrem tanto com sintomas depressivos, como com ansiedade e estresse, tal como revelam Murphy et al. (2018). Destarte, a internet parece funcionar tal qual um espaço onde as pessoas podem ter acesso a informações, além de sentirem-se menos solitárias e mais acolhidas, uma vez que encontram pessoas que demonstram ter empatia pelo seu sofrimento. Nesse sentido, esta pesquisa vai de encontro a Le Breton (2017), quando o mesmo afirma que o jovem depara-se no ciberespaço somente com olhares que transmitem ironia e descaso.

Outrossim, as narrativas discordam de pesquisas que ressaltam somente os impactos negativos da internet na saúde mental, tais como Carras, 2017; King, Nardi, e Cardoso, 2014; Standlee, 2016; Xu, 2017; Young et al., 2011. Para os entrevistados desta pesquisa, assim como destacado pelos trabalhos do CGI.br (2019), Green (2007), Pew Research Center (2018b) e Tanis (2007), o ciberespaço, a depender da forma como for utilizado, pode oferecer suporte emocional e informações promovidos por grupos e/ou pessoas que estão passando por situações semelhantes, com destaque para situações que envolvem a saúde mental, tais como a depressão. Desta forma, as relações construídas on-line parecem atender a necessidades básicas de qualquer jovem: pertencimento e reconhecimento (Tanis, 2007; Unicef, 2017; Winnicott, 2005).

Considerações finais

A adolescência inaugura diversas questões na vida do ser humano: identidade, sexualidade, aceitação e pertencimento são algumas das palavras que acompanham esses sujeitos nessa fase da vida. Em busca de reconhecimento e de espaço na sociedade, eles demandam apoio de seus pares e dos adultos, porém muitas vezes não encontram nas pessoas mais próximas o suporte de que necessitam. Assim, os “adulescentes” buscam no ciberespaço grupos e comunidades que os acolham. De acordo com os entrevistados, as principais questões nas quais são auxiliados por informações e por relações que buscam na internet estão ligadas à homossexualidade, à autoaceitação e à depressão.

Em relação à homossexualidade, os entrevistados, ao falarem sobre suas vidas e/ou de amigos, afirmam que encontram no mundo virtual grupos compostos por pessoas que oferecem palavras de conforto e modelos

identificatórios diversificados que fogem dos padrões e estereótipos do que o senso comum e a mídia definem como “homem gay”.

Já sobre a autoaceitação, os resultados indicam que, por funcionar como um espaço propício à experimentação, a internet permite que os jovens façam testes nos quais conseguem mostrar quem realmente são, especialmente por meio de canais criados no *Youtube*. Isso equivale a dizer que experimentam, on-line, vivências e características para as quais ainda não se sentem preparados para desempenhar fora da rede. Paulatinamente, na proporção em que se sentem aceitos pelo outro, ficam mais seguros e confiantes para revelarem suas características mais particulares, inclusive nas relações que vão além do mundo virtual.

Por fim, no que concerne à depressão, nota-se que, além das informações e da compreensão sobre o que de fato estão sentindo, a internet permite que os entrevistados encontrem acolhimento, empatia e pertencimento nos relacionamentos que constroem na rede. Tudo isso, porque a descoberta de que há outros indivíduos que sofrem com sintomas semelhantes gera a sensação de conforto, de que eles não são os únicos. Isto é, descolam de nomeações que rotulam, colocando-os no lugar de estranhos que rompem com os padrões esperados socialmente.

Conclui-se, portanto, que embora existam prejuízos provenientes do uso excessivo da internet, com destaque para a saúde mental, este trabalho foca nos usos saudáveis que os jovens, em especial aqueles que não se identificam como heterossexuais, sofrem com sintomas da depressão e têm dificuldades para aceitar e externalizar suas características mais peculiares, podem fazer do ciberespaço. Isto posto, conquanto haja certa resistência no reconhecimento de possíveis benefícios provenientes da socialização e de buscas por referências no mundo virtual, os resultados apontam que, sobretudo na falta de apoio de adultos e pares próximos, a internet é essencial para alguns jovens como espaço de fala, de escuta, de descobertas e de acolhimento. Como um lugar de pertencimento.

Finalmente, é preciso salientar a limitação deste estudo no que se refere à análise dos vídeos, material que poderia ter sido mais explorado. Em adição, fica evidente, ainda que nos últimos anos tenham sido publicadas mais pesquisas relevantes sobre o tema, a necessidade de mais investigações que analisem os

impactos da internet na saúde mental e nas relações sociais, com destaque para os aspectos saudáveis.

5. Juventude e internet: a família em cena

Resumo: O objetivo deste trabalho é discutir como as questões familiares são abordadas pelos jovens na internet. Foram entrevistados, no aplicativo *WhatsApp*, 6 jovens brasileiros do sexo masculino, entre 18 e 24 anos, usuários do *YouTube*. Foram também avaliados vídeos dos entrevistados. O material obtido foi analisado pelo método de análise de conteúdo. Considerando o objetivo deste estudo, serão discutidas as seguintes categorias de análise: *conflitos familiares, como a família vê o uso da internet e a família representada pelos jovens*. Os resultados apontam que a internet, além de funcionar como um espaço para trocas de experiências e tentativa de elaboração de embates que surgem no seio familiar, é palco de representações sobre a família e sobre a concepção dos jovens acerca dos papéis de gênero que ainda são norteadas por estereótipos que enquadram a mulher como aquela que cuida do lar e da educação dos filhos e o homem como o provedor de recursos financeiros. Ademais, salienta-se que, embora os pais se preocupem com o uso que filhos fazem da internet, estes incentivam e apoiam, tanto por levarem em consideração os benefícios provenientes desta conexão, como pelo fato de que, uma vez conectados os filhos demandam menos atenção e cuidados.

Palavras-chave: Jovens; internet; família.

Abstract: This paper discusses how family issues are approached by young people on the Internet. To this end, six young Brazilian male YouTube users aged between 18 and 24 were interviewed by WhatsApp and videos made by them were also evaluated. The content analysis method was used to analyze data obtained. To meet the goal of this study, the following analysis categories are discussed: *Family conflicts; How the family sees the use of the Internet and The family represented by young people*. Results show that the Internet is not only used as a space to share experiences and to reflect on family conflicts, but that it is also a stage of representations of the family and of the young people's concepts of gender roles, which are still defined by stereotypes, such as 'women are in charge of home and children' and 'men are providers of financial resources'. Although parents are concerned about how their children use the Internet, they encourage and support it due to its benefits and to the fact that as long as their children surf the Internet, they require less attention and care.

Keywords: Young adults; Internet; family.

No decurso da adolescência, uma das tarefas mais importantes é a separação do ideal dos pais, isto é, o afastamento do lugar ocupado até a infância para que ocorra a construção de respostas às perguntas que começam a surgir a partir da puberdade, concernentes sobretudo à identidade, ao reconhecimento social e às transformações que ocorrem no corpo. Emergem, ademais, conflitos com a família que, por vezes, não reconhece o filho, que passa por modificações as mais diversas, desde as corporais até o lugar que ocupa no seio social. Embates geracionais relacionados à autonomia dos adolescentes e a negociações ligadas a festas, a escolhas profissionais e de parceiros fazem parte do cotidiano de famílias com filhos adolescentes (Ponciano & Féres-Carneiro, 2014). Salienta-se que este trabalho vai ao encontro do proposto por Sawyer; Azzopardi; Wickremarathne & Patton (2018), quando estes alargam a faixa etária da adolescência que passa a englobar indivíduos entre, aproximadamente, 10 e 24 anos de idade.

Cabe ressaltar que, durante todo o processo de desenvolvimento do ser humano, a família, sem dúvida, assume um lugar de destaque. É no seio familiar que o jovem encontra apoio e sustentação para crescer de forma saudável e espontânea (Winnicott, 1975;1999;2011). Na adolescência, o papel da família, ainda que esta atue de forma distinta ao apoio dado ao filho na infância, é essencial, principalmente se a adolescência for considerada como “uma fase de dificuldades, uma mistura de dependência e desafio, que se esvai na medida em que o adolescente torna-se adulto” (Winnicott, 2011, p.41). Nesse momento, o desafio familiar é o de facilitar o desenvolvimento sadio do filho adolescente, sem que seu domínio e sua autoridade bloqueiem gestos e abordagens espontâneas. Como bem aponta Winnicott (2011), muitos adolescentes vivem esse período da vida de forma inibida, pois sua família espera e demanda que sejam “bons”, isto é, que se submetam às expectativas sociais. Ao contrário da submissão, seria desejável que a família pudesse funcionar como um ambiente facilitador para que o potencial de desenvolvimento saudável herdado se expressasse sem maiores problemas (Davis & Walbridge, 1982). A despeito disso, fato é que, mesmo que a família seja “suficientemente boa”, nas trocas estabelecidas entre o adolescente e os membros daquela há conflitos e desafios inerentes a qualquer relação, não sendo diferente do que se passa em outras conexões intersubjetivas.

Em pesquisa desenvolvida por Féres-Carneiro, Zivani, Magalhães e Ponciano (2013), dados coletados com os adolescentes revelam que as famílias contemporâneas assumem configurações cada vez mais democráticas e horizontais no que concerne à relação entre pais e filhos. Além disso, parece haver maior liberdade de expressão por parte dos filhos, uma vez que estes passam a ocupar um nível hierárquico similar ao de seus genitores. Não obstante, ainda que mudanças tenham ocorrido, a relação pais/filhos ainda é permeada por conflitos. Dentre as principais divergências apontadas pelos adolescentes, é possível destacar o questionamento da autoridade de seus genitores, além da vivência do divórcio dos pais, a frequência e o rendimento escolar, a escolha de amizades, a vida social, as normas, as punições, a invasão de privacidade, os problemas com irmãos e a divisão de tarefas domésticas (Cloutier & Drapeu, 2012; Lam, Rifkin & Townley, 1989; Oliveira & Costa, 1997). Conforme Santrock (2014), a maior parte dos conflitos são provenientes de questões triviais do dia a dia familiar. Tanto para os pais como para os adolescentes, o diálogo e o esclarecimento são vistos como as principais saídas para os desacordos, muito embora os castigos (como a suspensão de atividades) ainda sejam considerados por aqueles como opções possíveis caso a interlocução não funcione da maneira esperada (Lam, Rifkin & Townley, 1989).

Com o advento da tecnologia digital, além dos conflitos já existentes entre pais e filhos adolescentes, a internet inaugura mais um campo de embate que tem tomado parte dos diálogos e discussões entre os membros da família. O tempo que os filhos passam conectados, o celular na hora de dormir e a distração dos pais e dos jovens são exemplos dos novos impasses que acompanham a rotina familiar (Robb & Vennegaard, 2019).

Uso x interferência da tecnologia na dinâmica familiar

Não se trata de uma tarefa simples investigar os efeitos da tecnologia digital, com foco especial para a internet, na vida dos jovens, incluindo suas relações com o mundo do trabalho, com os estudos, com os amigos e com a família, já que a velocidade com que as mudanças tecnológicas ocorrem é difícil de acompanhar (Global Kids Online, 2019; Palfrey & Gasser, 2011). No entanto, considerando que as alterações subjetivas promovidas pelos usos que os seres humanos fazem destes recursos caminham em outro ritmo, é possível efetuar

investigações que abarquem a subjetividade e os relacionamentos (Nicolaci-da-Costa, 2002).

No caso dos jovens, a relevância da internet é tamanha que, segundo dados da Fundação Telefônica Vivo (2019), os jovens só não permanecem conectados quando estão sem créditos ou sem bateria no smartphone, em alguns casos isto também ocorre nos momentos de trabalho e de estudo. O tempo e a forma de conexão deste público têm sido alvo de diversas críticas e julgamentos que, nem sempre, se baseiam em dados confiáveis. Por exemplo, ao contrário de diversos comentários da mídia, a pesquisa “Juventudes e Conexões” (2019) revela que os jovens ainda consideram a família e a escola como principais fontes de referência tanto no processo de aprendizado, como no que concerne à participação social e à decisão de quem querem ser, isto é, no processo de construção da identidade. Assim sendo, embora a tecnologia digital tenha promovido mudanças nas relações entre a família e os jovens (Avena & Rabinovich, 2016; CGI.br, 2019; Robb & Vennegaard, 2019; Unicef, 2017), aquela continua sendo fundamental para o desenvolvimento destes sujeitos, até mesmo na relação que os mesmos estabelecem com o ciberespaço. Isso equivale a dizer que a família é corresponsável pela forma por meio da qual a tecnologia vai ser introduzida na vida das crianças e na mediação entre as mesmas e os conteúdos e atividades desempenhados on-line. Logo, a família continua sendo considerada como um:

“grupo de pertença”, sempre teve e continuará tendo uma importância fundamental para o indivíduo e para a sociedade, no sentido de que é ela quem estrutura o sujeito e a subjetividade através do processo de socialização, dando-lhe as condições básicas de sobrevivência e fazendo com que o mesmo possa se transformar em um indivíduo capaz de viver socialmente e de contribuir para o desenvolvimento da comunidade onde vive (Avena & Rabinovich, 2016, p. 167)

Pontes (2011) afirma que há três formas de mediação que os pais podem exercer na relação dos filhos com a internet, a saber: ativa, restritiva e instrutiva. A primeira refere-se ao fato de os adultos tornarem-se referências por suas próprias práticas no mundo digital. Já a mediação restritiva, utiliza a internet, por exemplo, como recompensa ou punição para algum comportamento. Por fim, a tática instrutiva aposta no diálogo e na transmissão de informações sobre a tecnologia. Contudo, apesar da relevância das famílias, nem todas mostram-se disponíveis para executar a função de mediar a relação dos jovens com o mundo digital. Dias, Melgaço e Silva (2018) apontam, inclusive, que alguns adolescentes

demandam a intervenção dos pais, principalmente no tempo gasto com redes sociais e games, já que reconhecem ter dificuldades para colocar limites sozinhos. Por outro lado, há alguns jovens que reclamam da forma invasiva com que os pais atuam, impondo somente punições. Por fim, segundo Le Breton (2017), há pais que deixam a cargo dos filhos as decisões acerca de como utilizar as novas tecnologias, dando-lhes autonomia total no ciberespaço. É interessante salientar que, em muitas famílias, há uma inversão de papéis no que concerne à transmissão de conhecimentos sobre a internet, o que engloba modos de usar, riscos e resolução de problemas. Consoante dados do CGI.br (2019), 80% dos jovens consideram que sabem mais do que seus pais sobre assuntos ligados ao uso da rede. Logo, não são incomuns situações em que os pais, por não saberem como reagir ou lidar com embaraços provenientes do ciberespaço, solicitam aos filhos que solucionem este tipo de impasse.

Segundo Unicef (2017), na visão dos jovens, as repercussões das tecnologias digitais na dinâmica familiar podem ser tanto positivas como negativas, a depender do contexto e das formas de usar. Dunker (2017) exemplifica:

Pais que usam a vida digital como pacificador, que não falam, nem se interessam ou participam do universo simbólico que esta traz consigo, que demonizam a cultura digital, como se ela fosse uma droga ou uma má companhia da qual devem proteger seus filhos, estão contribuindo, direta ou indiretamente, para a intoxicação digital de seus filhos e para a crença, esta sim perigosa, de que o demônio está nos objetos e nas linguagens e não nos que fazemos com elas (p.133).

De acordo com Drouin e McDaniel (2018), é necessário diferenciar o uso da tecnologia da interferência da tecnologia. Isto porque há inúmeros benefícios provenientes de alguns modos de uso da tecnologia, inclusive no plano familiar, como quando os membros da família jogam vídeo games juntos ou quando os mesmos utilizam aplicativos de comunicação para manter contato ao longo do dia (Robb & Vennegaard, 2019; Unicef, 2017). Contudo, dependendo da forma como os recursos tecnológicos são utilizados, estes produzem interferências nas relações cotidianas entre as pessoas. Muitos pais, além de sentirem-se pressionados por demandas do trabalho, utilizam os gadgets para se refugiar das obrigações domésticas e parentais, o que leva os filhos a se queixarem da falta de dedicação dos mesmos. Tudo isso gera desentendimentos e desencontros entre os pais e seus filhos adolescentes, tais como: problemas de comunicação, ambas as partes se

queixam da falta de atenção do outro, e embates sobre o uso do celular em detrimento das tarefas domésticas e escolares (Robb & Vennegaard, 2019). Ainda conforme a referida pesquisa, mesmo que os dispositivos móveis sejam fonte de conflito nas famílias, estes não chegam a afetar significativamente o relacionamento familiar: 58% dos pais e 71% dos jovens entrevistados afirmam, inclusive, que a tecnologia digital não faz diferença alguma para as famílias. Já para outros grupos familiares, apesar de os pais se preocuparem com os riscos que os filhos correm na rede, os genitores reconhecem os benefícios da internet, tais como: a possibilidade de expressão criativa, o acesso a informações, a preparação para o mercado de trabalho e o auxílio no processo de construção identitária.

Papéis de gênero: a percepção dos jovens

Um dos desafios que os jovens enfrentam é a construção de suas identidades, o que, por sua vez, engloba a representação do que é ser homem e ser mulher, ou seja, como devem ser exercidos os papéis de gêneros. Estes são definidos por Santrock (2014) como “conjuntos de expectativas que indicam como homens e mulheres devem pensar, agir e sentir” (p.185). Segundo Bamberg (2002), Bordini (2010) e Georgakopoulou (2005), a delimitação dos gêneros construída pela juventude é baseada em critérios relacionados a atributos físicos e sociais, às atividades desempenhadas e aos lugares ocupados pelos indivíduos. Tais parâmetros reforçam os padrões sociais hegemônicos que definem o que é ser homem e mulher. Assim sendo, estereótipos, como o homem hiperssexualizado, provedor, responsável pelas contas da casa e a mulher dona de casa, encarregada da educação dos filhos, hipossexualizada e interessada por novelas e fofocas, fazem parte do imaginário dos jovens.

As generalizações acerca dos gêneros alcançam, inclusive, o seio familiar, já que os adolescentes também criam noções sobre o que é ser pai e mãe. De acordo com Cloutier e Drapeau (2012), a mãe, por ser considerada como a principal responsável pelo cuidado e a educação dos filhos, é a figura de quem os mesmos mais se aproximam. Já o pai, via de regra, é visto pelos filhos como aquele que, além de ser o maior responsável pelo sustento do grupo, deve ser obedecido, uma vez que representa a autoridade. Nota-se, assim, que a despeito de todas as modificações sociais, culturais e políticas pelas quais o mundo vem passando, o que altera inclusive a noção do que é família (Kehl, 2003), ainda são

disseminados pela mídia padrões tradicionalistas sobre os papéis de gênero dentro e fora da família (Bordini & Sperb, 2012).

Ante o exposto, o objetivo deste artigo é discutir como as questões familiares são abordadas pelos jovens na internet.

Método

Sujeitos

Na presente investigação foram entrevistados 6 jovens do sexo masculino (nomeados como entrevistados de 1 a 6), entre 18 e 24 anos, residentes no Rio Grande do Sul, São Paulo e Rio de Janeiro, das camadas médias da população, universitários ou recém- graduados, e usuários do YouTube.

Instrumento

Foram realizadas entrevistas no aplicativo What'sApp, por meio de áudios, com roteiro semiestruturado invisível, elaborado anteriormente a partir dos seguintes eixos temáticos: ferramentas mais utilizadas na internet, lugar que a internet ocupa na vida dos entrevistados e a função da internet na construção de resoluções de conflitos, especialmente os familiares. Além disso, foram analisados dois vídeos de cada entrevistado, indicados pelos mesmos como os mais representativos das questões discutidas ao longo da entrevista.

É imprescindível dizer que a escolha por efetuar a entrevista on-line se deu não só pela praticidade, já que a ideia era entrevistar jovens de qualquer região do Brasil, como também pela constatação, apontada por vários autores (Fundação Telefônica Vivo, 2019; Romão-Dias & Nicolaci-da-Costa, 2005), de que esse público sente-se mais à vontade para falar sobre questões pessoais quando há a mediação da internet. Segundo dados da Fundação Telefônica Vivo (2019), 98% dos adolescentes estão conectados no What's App diariamente. Tal aplicativo, de acordo com os dados da pesquisa, deixa os jovens mais confortáveis para pronunciarem-se sobre questões pessoais, expressando-se com mais facilidade no ambiente virtual.

Procedimento

A escolha dos participantes se deu através do método de amostragem por conveniência (Richardson, 2017). Inicialmente, efetuou-se uma busca livre de

jovens que possuíam ou participavam de algum canal no Youtube. Houve dificuldade de comunicação com os possíveis participantes da pesquisa, realizada inicialmente pelo contato disponibilizado no canal, que se deu por causa da ausência de respostas e/ou demora destes para se posicionar. Desse modo, a pesquisadora optou, após a primeira entrevista, por solicitar indicações dos entrevistados, lançando mão da técnica *snowball sampling* (Vinuto, 2014). As entrevistas e os vídeos foram analisados, segundo o método de análise de conteúdo, em sua vertente categorial, conforme proposto por Bardin (2011).

Resultados e discussão

Das narrativas das entrevistas e dos vídeos, emergiram várias categorias de análise. Considerando o objetivo deste estudo, serão discutidas as seguintes categorias: *conflitos familiares, como a família vê o uso da internet e a família representada pelos jovens*.

Conflitos familiares

Os entrevistados salientam que a internet os auxilia a lidar com os conflitos familiares, como a falta de contato com o pai e discussões com outros membros do grupo.

Hoje, eu não falo com meu pai, né? Daí que nem eu falei, desde o ano passado, por 'n' questões, assim. E sempre quando eu vou fazer algum vídeo, alguma coisa várias vezes já ficou entrelinhas, assim, sabe? Que eu... eu não tinha esse contato, que era difícil pra mim e tal. E já encontrei várias pessoas, pela internet, na mesma situação que às vezes não tem o contato com algum familiar e tal. Até mesmo perdas, assim, sabe? E a internet ajuda como uma válvula de escape, assim, sabe? Pra você não guardar tudo para dentro de si, pra você comentar com outras pessoas, para desatolar um pouquinho, assim, as coisas de dentro de você. Mas já me ajudou sim, tanto dessas questões, assim, com esse lado da família que eu não tenho contato, quanto questões do dia a dia com minha mãe, às vezes alguma questão ou algum desentendimento bobo. Às vezes, acontece, né? (Entrevistado 5, 24 anos, São Paulo).

Sou filho único e não tenho contato com meu pai tem um tempo, depois de várias brigas. Tem um pedaço da minha família que mora em outro estado, mas eu não tenho muito contato. Então, meu núcleo familiar somos só eu e minha mãe. A internet me ajuda um pouco nisso, a lidar com isso, a entender isso que acontece (Entrevistado 6, 22 anos, São Paulo).

O que acontece já aconteceu comigo foi ... sei lá... ter brigado com a minha mãe e daí eu tá mexendo no Facebook, assim.... eu tava sem falar com ela e tal e, de repente, eu vejo aqueles vídeos tipo “ai, ame seus pais, porque, né? Eles não vão estar aqui pra sempre e tudo mais.” Daí isso me fez voltar a falar com a minha mãe, porque eu acho que eu senti que tipo ...eu precisava fazer isso, porque... por mais que ela tivesse errada ou eu tivesse errado o orgulho não ia levar a lugar

nenhum, né? Então, eu acho que ajudou nesse sentido (Entrevistado 3, 23 anos, Rio Grande do Sul).

As falas evidenciam que os entrevistados, em alguns momentos, encontram-se sós na tarefa de construir saídas e respostas para os conflitos com suas famílias. Buscam, portanto, variados recursos, incluindo a internet que, por sua vez, propicia, além do contato com pessoas com quem possam conversar sobre o assunto, uma forma de colocar para fora de si desacordos que não puderam ser resolvidos por meio da conversa entre os envolvidos. Nesse sentido, os resultados vão de encontro a Lam, Rifkin e Townley (1989), na medida em que estes autores postulam que o diálogo é a saída preferida tanto dos pais como dos filhos adolescentes para lidar com conflitos.

Ademais, as narrativas destacam a relevância das questões familiares na vida dos entrevistados. No caso do entrevistado 3, este se vê mexido por mensagens emotivas no Facebook que o fazem refletir sobre a importância de sua relação com a mãe. Já os entrevistados 5 e 6, ao buscarem na internet uma forma de lidar com a ausência do pai, de elaborar a situação, demonstram o quanto esta relação é relevante para eles. Tudo isso corrobora a importância do núcleo familiar na vida dos jovens, tal como destacado por Winnicott (1975;1999;2011) e pela Fundação Telefônica Vivo (2019). Esta, por seu turno, pontua que, não obstante o que é circulado pela mídia, a família é apontada pelos jovens como uma de suas principais referências.

Como a família vê o uso da internet

Os entrevistados revelam que suas famílias, apesar de se preocuparem com alguns riscos e com o futuro dos filhos, aceitam e apoiam o uso que os mesmos fazem da internet. Além disso, o uso da internet parece ser bem-vindo para determinados pais, uma vez que atenua as demandas de atenção dos filhos.

A minha família sempre gostou desse negócio de Youtube. Eu assistia, aí eu mostrava os vídeos pro meu pai, pra minha mãe e eles sempre gostaram. Eles até perguntavam pra mim: porque que tu não faz? Aí, depois, quando eu comecei a fazer, eles gostaram muito. Eles assistem todos os meus vídeos. Eh.. eles falam assim: “Ah filho, pode levar isso como profissão, mas tu tem que ter um plano B”. E eu entendo isso, eu acho que a gente tem que ter um plano B, porque, querendo ou não, se não dá certo, a gente tem uma profissão, né? A gente tem um jeito de não pode ficar só nisso, né? Eles se preocupam também com o tempo que passo na internet, e de vez em quando isso dá confusão, mas...eles aceitam tudo de boa, eles gostam bastante dos meus vídeos (Entrevistado 1, 18 anos, Rio Grande do Sul).

Eu era o filho que não dava trabalho, ficava quieto no computador. Eles não faziam ideia do que eu estava fazendo, até mesmo porque eles não entendem nada disso, mas achavam bom porque eu ficava quieto. Então, não tinha tanto problema ficar sem a atenção, entre aspas, digamos assim. A internet para os meus pais era como se fosse um lugar onde eu ficava, aparentemente, tranquilo e deixava eles tranquilos também, porque eu não incomodava, não precisava de atenção como a minha irmã que era agitada e não parava quieta (Entrevistado 4, 22 anos, Rio de Janeiro).

Os meus pais, principalmente a minha mãe, sempre me incentivaram a fazer o que eu gostava. Então, quando eu contei que eu aparecer num canal pra mais de 800.000 pessoas, eles ficaram bem felizes assim por mim, porque eles sabem que eu gosto desse meio de comunicação, gravação e internet. Eles ficaram felizes porque é como se fosse uma realização pra mim... eles aceitaram bem de boa, acharam que poderia me fazer bem, me ajudar a desenvolver esse lado. Foi algo bem tranquilo, porque, como eu disse, eles sempre me motivaram a fazer o que eu gostasse e, como é o que eu gosto, eles ficam felizes por mim. Só falam pra eu não deixar de lado meus amigos e a escola, que preciso estudar e também tomar cuidado com quem eu não conheço (Entrevistado 2, 18 anos, Rio Grande do Sul).

À semelhança dos resultados das pesquisas de Robb & Vevvegarrd (2019), Unicef (2017), CGI.br, 2018 e Fundação Telefônica Vivo (2019), as falas demonstram que, embora os pais tenham preocupações ligadas aos usos e às interferências da internet na vida dos filhos adolescentes (Drouin & McDaniel, 2018), especialmente em assuntos tocantes ao futuro dos mesmos, como a escola e a profissão, os genitores também conseguem enxergar as vantagens de estar conectado ao ciberespaço. Além do mais, os pais inquietam-se com o tempo que os jovens passam conectados e com o modo de socialização destes que também passa a ser atravessado pela internet (Robb & Vennegaard, 2019). No tocante aos benefícios, nota-se que as falas reforçam informações encontradas pelo CGI.br (2019), Fundação Telefônica Vivo (2019) e Unicef (2017) que apontam os ganhos que a internet pode gerar para os adolescentes em diversas instâncias como na socialização, no processo de desenvolvimento pessoal e profissional e no acesso a informações.

Outrossim, tal como apontado por Dunker (2017), o entrevistado 5 descreve a postura de seus pais como aqueles que lançam mão da tecnologia como pacificadora, ou seja, como um recurso que, ao capturar a atenção do jovem, libera os pais da tarefa de fazê-lo. No caso do jovem em questão, a atenção era, então, direcionada para a irmã que, ao contrário dele, era a filha que necessitava da maior dedicação dos genitores. Nesse sentido, as falas dos entrevistados ratificam os preceitos de Drouin e Mc Daniel (2018), tendo em vista que estes entendem que muitos pais lançam mão dos dispositivos tecnológicos, tanto para

entreter os filhos como a si próprios, com o intuito de se eximirem de certas tarefas ligadas à parentalidade.

Além de tudo, as narrativas confirmam o que foi exposto por Le Breton (2017) e pela pesquisa efetuada pela CGI.br (2019), quando estes afirmam que, em alguns casos, os jovens são autorizados pelos pais a tomarem todas as decisões em relação ao uso da internet. Dessa forma, têm autonomia total no ciberespaço, o que acontece tanto pela falta de conhecimento dos pais como pela posição que muitos assumem de demonizar a tecnologia (Dunker, 2017).

Representações da família nos vídeos

Os vídeos analisados revelam que os entrevistados ainda têm uma visão idealizada e estereotipada da família e dos papéis desempenhados pelos membros que a compõem, sobretudo no que tange à questão de gênero.

Minha irmã fica querendo um monte de Barbies, mas eu não entendo! As bonecas são todas iguais: loiras, magras, cabelo grande. Legal mesmo era o MaxSteel, boneco cheio de armas, facas, mergulhava. Não essa coisa de menininha. (Entrevistado 2, 18 anos, Rio Grande do Sul).

Meu pai adora novelas, aqui em casa é cheio de revistas de fofoca. Quando a minha mãe convida as amigas para vir aqui, todas só conversavam com meu pai, porque ele sabe tudo sobre novelas e a minha mãe não. Ela fica com ciúme [. . .] No mercado, meu pai corre para a sessão de revista de fofocas, eu pra parte dos gibis, a minha irmã para as bonecas e minha mãe pra comprar comida. (Entrevistado 1, 18 anos, Rio Grande do Sul).

Estou criando uma família perfeita com todo mundo que eu acho que vai dar certo. Marido, esposa e filhos! Tudo direitinho. Ah... claro, um bom emprego para propiciar uma vida boa com viagens e uma casa. Essas coisas (Comentário sobre o jogo “The Sims” - Entrevistado 2, 18 anos, Rio Grande do Sul).

As narrativas presentes nos vídeos descrevem e apresentam (por meio de imitações) a mãe com roupas e com aparatos ligados a atividades domésticas. Já o genitor, quando aparece, é retratado como aquele que fica encarregado do dinheiro e da segurança familiar. No momento em que um dos pais é descrito como aquele que gosta de novelas, isto acaba virando motivo de chacota, já que foge do papel de gênero tradicional. Tudo isso confirma os achados de Bordini e Sperb (2012) que revelam a existência de diversos estereótipos que orientam os jovens na construção da definição do que é ser homem e mulher. No caso da presente pesquisa, nota-se que a irmã é representada como menininha que gosta de bonecas, a mãe como a principal cuidadora da família e responsável pelas tarefas

domésticas e o pai como que foge ao padrão esperado, já que se interessa por assuntos definidos como femininos, tais como novelas e revistas de fofocas.

Desse modo, este estudo corrobora as considerações de Bamberg (2002), Bordini (2010) e Georgakopoulou (2005) sobre os critérios que os jovens utilizam para definir os papéis de gênero que são baseados, em particular, pelas atividades e características físicas dos indivíduos: a mãe que cuida da casa, a irmã que gosta de boneca e o adolescente que gostava de bonecos com armas são exemplos de descrições que correspondem aos estereótipos delimitados pela sociedade. Não é sem razão que o pai se torna motivo de escárnio por fugir do que é esperado socialmente.

Por fim, as narrativas desvelam que os jovens são guiados não só por padrões no que diz respeito aos papéis de gênero como também à configuração familiar que deveria ser composta por marido, esposa e filhos, além de dispor de uma condição financeira satisfatória. Ideal reproduzido, inclusive, nos jogos. Dessa maneira, os resultados encontrados vão ao encontro das ideias de Cloutier e Drapeau (2012) acerca de como os jovens percebem a família e os membros que a compõem.

Considerações finais

A transição da adolescência para o mundo a adulto inaugura uma série de conflitos para os indivíduos que se encontram nesse momento da vida. Enfrentamentos que vão desde incômodos com o corpo, dificuldades com as exigências sociais, dúvidas ligadas à própria identidade, até reveses com a família. A respeito do último, os principais motivos que geram embates entre pais e filhos estão associados a assuntos cotidianos, tais como: a autonomia dos adolescentes, a escolha profissional, a divisão de tarefas, o desempenho escolar e, mais recentemente, o tempo e a forma com que os jovens usam a internet (Cloutier & Drapeau, 2012; Lam, Rifkin & Tomnley, 1989; Oliveira & Costa, 1997; Ponciano & Féres-Carneiro, 2014; Robb & Vennegarrd, 2019 e Santrock, 2014). Internet que, por sua vez, ganha cada vez mais relevância na vida dos adolescentes que utilizam seus recursos não só para se divertirem, manterem-se informados e comunicarem-se, como também como meio de expressão e elaboração de questões, principalmente, quando encontram-se solitários para lidar com as mesmas (Fundação Telefônica Vivo, 2019 e CGIbr, 2019).

Em relação aos conflitos familiares, o presente estudo revela que, embora pesquisas anteriores apontem o diálogo entre os envolvidos como principal forma de resolução de conflitos entre os membros da família (Lam, Rifkin & Townley, 1989 e Oliveira & Costa, 1997), nem sempre este cenário se mostra possível. Em consequência, os jovens, muitas vezes, acabam tendo que encontrar, por si sós, meios para elaborar questões envolvendo os pais. Encontram, na internet, outros adolescentes vivendo situações semelhantes e que estão dispostos a escutá-los e a trocar experiências. A internet parece funcionar, portanto, como uma suplência, ou seja, uma tentativa de suprir a falta do contato com o pai e a suspensão da comunicação com outro membro da família com quem a relação encontra-se no ápice de algum embate (Santrock, 2014).

No que concerne ao modo como a família vê os usos que os filhos fazem da internet, nota-se que os pais preocupam-se com as possíveis interferências desta na vida dos jovens como, por exemplo, não ter um plano alternativo caso a carreira no Youtube não dê certo, passar tempo demais conectado, deixar os estudos de lado e se afastar dos amigos. Apesar dos receios, os genitores parecem apoiar e incentivar os filhos a gravar vídeos e a participar de canais no Youtube, apostando que esta seria uma forma de autorrealização para os mesmos, além de auxiliar no desenvolvimento de algumas habilidades. Os dados apontam também que alguns pais estimulam os filhos a permanecerem conectados, já que, assim, eles parecem demandar menos atenção e cuidados, deixando-os livres para se dedicar a outras tarefas.

Por último, alguns vídeos gravados pelos entrevistados evidenciam suas percepções sobre a família e os papéis, especialmente ligados ao gênero, desempenhados pelos membros do grupo. Apesar dos diversos avanços sociais que vêm promovendo alterações na concepção e nos modelos tradicionais de família que, por seu lado, passa a assumir novas configurações que, por vezes, fogem dos padrões (Kehl, 2003), ainda predomina entre os entrevistados uma noção estereotipada do grupo familiar: pai, mãe e filhos, este seria o padrão ideal. Ademais, a definição do que é ser homem e o que é ser mulher ainda parece ser bastante engessada, uma vez que considera a figura feminina como a responsável pelos cuidados do lar e a educação dos filhos e o homem como o provedor financeiro da casa. Assim, quando se deparam com indivíduos que fogem a esta caracterização, os jovens fazem piadas que questionam, por exemplo, o fato de um

pai gostar de novelas e revistas de fofoca, interesses considerados tipicamente femininos.

Isto posto, observa-se que a internet é um espaço amplo e variado no qual os jovens vivem e comunicam questões das mais diversas ordens, a saber: problemas que vivem no cotidiano familiar, percepção sobre o que é uma família e o que define o que é ser um homem e uma mulher, a forma como os pais percebem os usos que fazem da internet são alguns exemplos. A relação que os adolescentes estabelecem com o ciberespaço é, portanto, complexa e repleta de nuances sendo, assim, impossível de ser limitada por leituras simplistas e reducionistas. Isto, atrelado à velocidade com que as mudanças tecnológicas caminham, faz com que pesquisas sobre o assunto sejam difíceis de serem conduzidas, o que reforça a necessidade de mais estudos, em especial sobre metodologias adequadas para pesquisas realizadas na internet.

6. Conclusão

O objetivo geral do presente trabalho foi investigar as possíveis relações que os jovens estabelecem com a internet. Em primeiro lugar, foi apresentado um panorama geral sobre os usos que jovens fazem da internet. Panorama que buscou ir além dos rótulos e posições saudosistas que fixam os adolescentes em nomeações, tais como “viciados”, “geração que não quer nada”, dentre outras. Sobre este ponto específico, os dados revelam que a introdução da internet na vida das crianças tem se dado cada vez mais cedo, o que ocorre por intermédio de familiares e amigos. Em adição, os resultados apontam a socialização e a produção de conteúdo como algumas das principais atividades desempenhadas pelos jovens no ciberespaço, o que parece evidenciar uma posição ativa dos mesmos, diferentemente do que ocorria na época da televisão (atividade totalmente passiva). Por fim, as narrativas indicam que muitos entrevistados desejam usar a internet como uma forma de ganhar dinheiro, como uma profissão, especialmente por meio de canais criados no Youtube.

O segundo ponto estudado está ligado a uma das principais funções da internet, além da socialização: o refúgio. Este, por sua vez, assume três vertentes no presente trabalho. A primeira, o anteparo para a solidão, diz respeito ao uso que alguns jovens fazem da internet que tem como fim driblar a solidão, particularmente quando se sentem sozinhos e desamparados pelos adultos. Já a vertente relacionada à criação de um espaço idealizado, relaciona-se com a dificuldade dos entrevistados para abrir mão da ilusão de que podem criar uma realidade que se adapte totalmente aos seus anseios de felicidade plena, aceitação irrestrita e ausência de críticas. Tudo isso também parece ocorrer, dentre outros fatores, devido à dificuldade que os adultos têm enfrentado para frustrar as crianças e os jovens, apresentando a realidade externa. Por fim, a internet sobressai-se como uma válvula de escape, principalmente pela via do humor, dos problemas e dos conflitos que surgem na rotina dos entrevistados.

Os dados obtidos revelam também que os jovens consideram que a internet os auxilia, sobretudo com as temáticas da homossexualidade, da autoaceitação e da depressão. Sobre o primeiro, os entrevistados acreditam que é possível encontrar no mundo virtual comunidades das quais participam pessoas que oferecem palavras de conforto e novos modelos identificatórios que fogem aos

estereótipos, principalmente em se tratando de sexualidade e de saúde mental. Já sobre a autoaceitação, a internet abre um lugar de experimentação para que os jovens testem experiências e modos de existir, além de conseguirem se mostrar como realmente são. Ou seja, os entrevistados experimentam, on-line, vivências e características que não teriam coragem de demonstrar offline. Tudo isto parece deixá-los mais seguros e confiantes, uma vez que acabam decidindo expor suas características mais particulares, mesmo fora da internet. A depressão, por sua vez, é um sintoma que carrega em si uma conotação negativa aos olhos da sociedade. Assim, por terem receio de serem rotulados e pela falta de informação, os entrevistados mantinham-se solitários e calados quando o assunto estava ligado à saúde mental. Foi somente na internet que conseguiram compreender, efetivamente, seus sentimentos, além de encontrar acolhimento, empatia e pertencimento nos relacionamentos estabelecidos on-line e nas informações às quais tiveram acesso.

Por fim, a família também apareceu nas narrativas. Primeiro, os entrevistados afirmaram que, quando se encontram sós para elaborar questões concernentes a conflitos com os familiares, a internet desempenha um papel fundamental. Nesta encontram outros adolescentes vivendo situações semelhantes e que estão dispostos a escutá-los e a trocar experiências. Assim, o ciberespaço parece funcionar como um apoio para que os jovens encontrem meios de resolver tais embates. Os entrevistados narram também a concepção de suas famílias sobre o uso que fazem da internet. Neste aspecto, os dados demonstram que, embora os pais se preocupem com as possíveis interferências do mundo virtual na vida dos jovens como, por exemplo, não ter um plano alternativo caso a carreira no Youtube não dê certo, passar tempo demais conectado, deixar os estudos de lado e se afastar dos amigos, os genitores parecem apoiar e incentivar os filhos a gravar vídeos e a participar de canais no Youtube. Aprovação que seria motivada pela percepção de que tal atividade representa uma forma de autorrealização para os mesmos, além de auxiliar no desenvolvimento de algumas habilidades. Outra razão que justificaria esse apoio diz respeito a pais que estimulam os filhos a permanecerem conectados, já que, assim, eles parecem demandar menos atenção e cuidados. Por último, alguns vídeos gravados pelos entrevistados evidenciam suas percepções sobre a família e os papéis, especialmente ligados ao gênero,

desempenhados pelos membros do grupo. Tais vídeos revelam o predomínio de uma visão estereotipada do grupo familiar que, idealmente, deveria ser composto por pai, mãe e filhos. Em adição, os resultados sinalizam visões engessadas sobre o que é ser homem e o que é ser mulher, já que esta é representada como a responsável pelos cuidados do lar e a educação dos filhos e o aquele como o provedor financeiro da casa.

Diante do exposto, conclui-se que a relação que os adolescentes estabelecem com o ciberespaço é, portanto, complexa e repleta de nuances sendo, assim, impossível de ser limitada por leituras simplistas e reducionistas que focam somente em um único ponto de vista. Os quatros artigos produzidos pela investigação puderam esclarecer que, ainda que devam ser levados em consideração alguns embaraços dos jovens na rede, a propensão de se manter conectado devido à dificuldade de se desconectar de um mundo idealizado, repleto somente de concordâncias e experiências positivas, a internet abre portas para a experimentação, o estabelecimento de relações que oferecem conforto e auxílio para assuntos delicados como a homossexualidade, a depressão e os conflitos com a família.

Finalmente, mesmo considerando as limitações da presente investigação, tais como a dificuldade de produzir dados que acompanhem o avanço acelerado da internet e o fato de que o pesquisador esteja, concomitantemente, vivendo as mudanças sociais e subjetivas promovidas pela tecnologia da informação e pesquisando, o que dificulta o trabalho de investigação, espera-se que esta tese tenha sido capaz de ampliar a visão do leitor acerca do mundo jovem. Universo que não faz mais diferenciações entre as experiências off-line e o ciberespaço, já que ambos têm igual importância na vida dos jovens. Escutar o que estes têm a dizer sobre suas próprias experiências é fundamental, já que, segundo Le Breton (2017), não é de hoje que os adolescentes são incompreendidos pelos adultos. Isto porque estes esperam que os jovens sigam suas orientações e se comportem do mesmo modo que a sua geração. Logo, encerra-se, aqui, uma pequena tentativa de dar voz aos jovens que puderam dizer, em alto e bom tom, como a internet tem feito parte de suas vidas.

7. Referências bibliográficas

- Aiken, M. (2016). *The cyber effect*. Londres: John Murray (Publishers).
- Ariès, P. (1981). *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Arnett, J. J. (2000). Emerging adulthood: A theory of development from the late teens through the twenties. *American Psychologist*, 55(5), 469-480.
- Arnett, J. J. (2007), Emerging Adulthood: What Is It, and What Is It Good For? *Child Development Perspectives*, 1, 68-73.
- Assunção, A.B. (2014) Netscapismo, as mídias sociais e a constituição do sujeito: entre a conexão contínua e o desamparo. *Mediação*, Belo Horizonte, 16(19), 11-25.
- Avena, M.E & Rabinovich, E.P. (2016). Novas tecnologias e novos vínculos familiares: repercussões no processo de socialização. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, 5 (2), p.164-175. <http://dx.doi.org/10.17267/2317-3394rpds.v5i2.873>
- Bamberg, M. (2002). Construindo a masculinidade na adolescência: Posicionamentos e o processo de construção da identidade aos 15 anos. In Lopes, M.L.P. & Bastos, C. (Orgs.), *Identidades: Recortes multi e interdisciplinares*. Campinas: Mercado de Letras, pp. 149-185.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Bauer, J. (2019). *Relatório Tecnologia e o Jovem*. Recuperado de: http://tecnologiaeojovem.educacional.com.br/assets/download/relatorio_geral_final_001.pdf
- Birman J. (2006) Tatuando o desamparo. In: Cardoso, M.R (org.). *Adolescentes*. São Paulo: Escuta.
- Birman, J. (2012). *O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento na atualidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Blos, P. (1962). *On adolescence: A psychoanalytic interpretation*. New York: Free Press of Glencoe.
- Bordini, G.S & Sperb, T.M (2012). Concepções de gênero nas narrativas de adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 25(4), 738-746. <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722012000400013>

Bordini, G.S. (2010). *As narrativas de adolescentes sobre gênero em um ambiente virtual*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Boyd, D. (2014). *It's complicated: The social lives of networked teens*. New Haven, CT, US: Yale University Press.

Braga, C.M.L (2009). *Comunicação e isolamento na adolescência: compreendendo o uso de blogs pelos jovens na atualidade*. São Paulo: Zagadoni Editora.

Brandon, D. P. & Hollingshead, A. B. (2007). Characterizing online groups. In A.N. Joinson, K.Y.A.McKenna, T.Postmes & U-F. Reips (Orgs.), *The Oxford Handbook of Internet Psychology* (pp.105-119). New York: Oxford University Press.

Carras, M. et. al (2017). Video gaming in a hyperconnected world: A cross-sectional study of heavy gaming, problematic gaming symptoms, and online socializing in adolescents. *Computers in Human Behavior*, 68.

Carvalho, A. (2015). Adolescentes e Facebook: do espaço potencial e ambiente suficientemente bom à possibilidade de brincar na rede. *Estudos de Psicanálise*, 44.

Castellacci, F; Tveito, V. (2018). Internet use and well-being: A survey and a theoretical framework, *Research Policy*, 47(1), 308-325. <https://doi.org/10.1016/j.respol.2017.11.007>.

Castells, M (2013). *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Rio de Janeiro: Zahar.

Cervo, L.M. (2013). O mundo virtual: um espaço para criar? *Psicanálise*, 15(2), 381-391.

Cloutier, R. & Drapeu, S. (2012). *Psicologia da Adolescência*. Petrópolis: Ed. Vozes.

Comitê Gestor da Internet no Brasil – CGI.br (2019). *Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil: TIC Kids Online Brasil 2018*. São Paulo: CGI.br.

Connolly, I. (2016). Young people and the Internet. In I. Connolly, M. Palmer, H. Barton & G. Kirwan (Eds.), *An introduction to cyberpsychology* (pp. 224-238). Nova York: Routledge.

Cotonhoto, L.A; Rossetti, C.B. (2016). Prática de jogos eletrônicos por crianças pequenas: o que dizem as pesquisas recentes? *Revista Psicopedagogia*, 33(102),346-357.

Dang Nguyen, G. & Lethiais, V. (2016). Impact des réseaux sociaux sur la sociabilité: Le cas de Facebook. *Réseaux*, 195(1), 165-195.

Davis, M.; Wallbridge, D (1982). *Limite e espaço: uma introdução à obra de D. W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago.

Dias, V.C, Lima, N.L, Viola, D.T, Kelles, N., Gomes, P.S., & Silva, C.R. (2019). Adolescentes na Rede: Riscos ou Ritos de Passagem? *Psicologia: Ciência e Profissão*, 39, 1-15. <https://dx.doi.org/10.1590/1982-3703003179048>

Dias, V.C. (2016). *“Morando na rede”: novos modos de constituição de subjetividades de adolescentes nas redes sociais*. Curitiba: CRV.

Dias, V.C; Melgaço, P. & Silva, C.R (2018). “Eles têm lá seus motivos”: os pais como mediadores na relação dos jovens com a tecnologia. In Soares, A.M; Simão, J.R & Neves, L.M (Orgs.). *Caminhos da aprendizagem e inclusão: entretecendo múltiplos saberes*. Belo Horizonte: Ed. Artesã, 165-174.

Dornelles, J.P. (2015). *O fenômeno Vlog no Youtube :análise de conteúdo de Vloggers brasileiros de sucesso*. (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Drouin, M. & McDaniel, B. (2018). Technology interference in couple and family relationships. In Attrill-Smith, A.; Fullwood, C; Keep, M. and Kuss, D (Eds.) *The Oxford Handbook of Cyberpsychology*. Oxford: University Press, 115-132.

Dunker, C.I (2017). Intoxicação digital. In Batista, A. & Jerusalinsky, J (Orgs.). *Intoxicações Eletrônicas: o sujeito na era das relações virtuais*. Salvador: Ágalma, 117- 145.

Erickson, E.H. (1968). *Identity: Youth and crisis*. New York, NY: Norton.

Escobar-Viera, C. et al. (2019). “I Don’t Feel Like the Odd One”: Utilizing Content Analysis to Compare the Effects of Social Media Use on Well-Being Among Sexual Minority and Nonminority US Young Adults. *American Journal of Health Promotion*. <https://doi.org/10.1177/0890117119885517>

- Féres-carneiro, T.; Zivani, C.; Magalhães, A.S.; Ponciano, E.L.T. (2013). Ser pai(mãe), ser filho(a): a resolução de conflitos em famílias contemporâneas casadas. In Féres-Carneiro, T. (Org.) *Casal e família: transmissão, conflito e violência*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Frederique, P., Mazoyer, A; Marjorie, R (2016). Enjeux psychiques du virtuel à l'adolescence. *Bulletin de psychologie*, 534 (6), 467-485.
- Fundação Telefônica Vivo (2016). *Juventude Conectada 2*. São Paulo: Fundação Telefônica Vivo. Acesso em <http://fundacaotelefonica.org.br/projetos/juventudes-e-conexoes/juventude-conectada-ed-2/>
- Fundação Telefônica Vivo (2019). *Juventudes e Conexões*. São Paulo: Fundação Telefônica Vivo. Acesso em <http://fundacaotelefonica.org.br/projetos/juventudes-e-conexoes/>
- Georgakopoulou, A. (2005). Styling men and masculinities: Interactional and identity aspects at work. *Language in Society*, 34(2), 163-184. doi:10.1017/S0047404505050074
- Giano, Z. (2019). The Influence of Online Experiences: The Shaping of Gay Male Identities, *Journal of Homosexuality*. <https://doi.org/10.1080/00918369.2019.1667159>
- Global Kids Online (2019). *Global Kids Online: Comparative Report*, UNICEF Office of Research, Florence.
- Gomes-Franco-Silva, F.; Sendín-Gutiérrez, J.C. (2014). Internet as a Haven and Social Shield. Problematic Uses of the Network by Young Spaniards. *Comunicar*, 22 (43), 45-53.
- Hall, S. (1904). *Adolescence: its Psychology and its Relations to Physiology, Anthropology, Sociology, Sex, Crime, Religion, and Education*. New York: D. Appleton and Company.
- Harper, G. W., Serrano, P. A., Bruce, D., & Bauermeister, J. A. (2016). The Internet's Multiple Roles in Facilitating the Sexual Orientation Identity Development of Gay and Bisexual Male Adolescents. *American Journal of Men's Health*, 10(5), 359–376. doi:10.1177/1557988314566227
- Hau, P. (2018). *How sexual minorities may use the internet to foster resiliency* (Master's thesis). Athabasca University, Canadá.

Ibope Conecta (2019). *Depressão, suicídio e tabu no Brasil: um novo olhar sobre a Saúde Mental*.

Kehl, M. R. (2003). Em defesa da família tentacular. In Groeninga, G. & Pereira, R. (Orgs.), *Direito de família e psicanálise: rumos a uma nova epistemologia* (pp. 163-176). Rio de Janeiro: Imago.

Keniston, K. (1973). Developmental aspects of psychological disturbances. *Journal of the American Academy of Psychoanalysis and Dynamic Psychiatry*, 1, 23–38.

King, A.L.; Nardi, A.E.; Cardoso, A. (2014). *Nomofobia: dependência do computador, internet, redes sociais? Dependência do telefone celular*. São Paulo: Atheneu Editora.

Lam, J.A.; Rifkin, J.; Townley, A. (1989). Reframing conflict: implications for fairness in parent- adolescent mediation. *Mediation Quarterly*, v.7.

Le Breton, D. (2017). *Uma breve história da adolescência*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas.

Lema, A. (2017). *The digital age on the couch: psychoanalytic practice and new media*. Nova York: Routledge.

Lema, A.; Caparrotta, L. (2014). *Psychoanalysis in the techonocultura era*. Nova York: Routledge.

Levisky, D.L. (2013). *Adolescência, Reflexões Psicanalíticas*. São Paulo: Zagodoni Editora.

Lima, N.L. (2006). O fascínio e a alienação no ciberespaço: uma perspectiva psicanalítica. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, 58(2), 38-50.

Lipovetsky, G. (2016). *Da leveza: rumo a uma civilização sem peso*. Barueri: Manole.

Lucassen, M.; Samra, R.; Iacovides, I.; Fleming, T.; Shepherd, M.; Stasiak, K. e Wallace, L. (2018). How LGBT+ Young People Use the Internet in Relation to Their Mental Health and Envisage the Use of e-Therapy: Exploratory Study. *JMIR Serious Games*, 6(4). doi: 10.2196/11249

Martel, F. (2015). *Smart: o que você não sabe sobre a internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Matheus, T.C. (2010). *Adolescência: história e política do conceito na psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Mcinroy, L. B., e Craig, S. L. (2019). "It's like a safe haven fantasy world": Online fandom communities and the identity development activities of sexual and gender minority youth. *Psychology of Popular Media Culture*. <https://doi.org/10.1037/ppm0000234>

Melgaço, P.R. (2017). Cérebro eletrônico faz quase tudo? Sobre a hiperconexão e o desamparo. In P. Melgaço, V. Dias, J. Marcondes & J. Moreira (Org.), *"Como a tecnologia muda o meu mundo": imagens da juventude na era digital* (pp.65-77). Curitiba: Ed.Appris.

Melgaço, P.R; Lima, N.L; Del Vecchio, I. & Couto, J.G.A. (2018). We are just bored teenagers: notas sobre o tédio na adolescência. *Trivium*, 10(2), 167-181. <https://dx.doi.org/10.18379/2176-4891.2018v2p.167>

Mendes, R. (2015). Smartphones: objeto transicional e conectividade de um novo espaço potencial. *Estudos de Psicanálise*, 44, 133-144.

Mizrahi, B.G, & Garcia, C.A. (2007). A capacidade de estar só: um contraponto winnicottiano ao ideal contemporâneo de autonomia absoluta. *Psicologia em Revista*, 13(2), 267-280.

Murphy, J.M; Nguyen,T; Lucke,C.; Chiang,C.; Plasencia, N. e Jellinek,M. (2018). Adolescent Self-Screening for Mental Health Problems; Demonstration of an Internet-Based Approach, *Academic Pediatrics*, 18(1), 59-65. <https://doi.org/10.1016/j.acap.2017.08.013>.

Nicolaci-da-costa, A.M (2005). Sociabilidade virtual: separando o joio do trigo. *Psicologia & Sociedade*, 17(2), 50-57.

Nicolaci-da-Costa, A.M. (2002). Revoluções tecnológicas e transformações subjetivas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 18(2), 193-202. <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722002000200009>

Nicolaci-da-Costa, A.M. (2011). O talento jovem, a internet e o mercado de trabalho da "economia criativa". *Psicologia & Sociedade*, 23(3), 554-563.

Oliveira, C.A & Costa, A.E (1997). Categorias de conflitos no cotidiano de adolescentes mineiros. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 10(1), 87-104. <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-79721997000100007>

Organização das Nações Unidas-ONU (2019). Agências da ONU discutem como reduzir transtornos de saúde mental em crianças e adolescentes. Recuperado de : <https://nacoesunidas.org/agencias-da-onu-discutem-como-reduzir-transtornos-de-saude-mental-em-criancas-e-adolescentes/>

Organização Pan Americana de Saúde (OPAS) Brasil (2018). Folha informativa- saúde mental dos adolescentes. Recuperado de: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5779:folha-informativa-saude-mental-dos-adolescentes&Itemid=839

Palfrey, J; Gasser, U (2011). *Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração de nativos digitais*. Porto Alegre: Artmed.

Petruzzella, A., Feinstein, B.A., Davila, J. e Lavner, J. (2019). Moderators of the Association Between Community Connectedness and Internalizing Symptoms Among Gay Men. *Archives of Sex Behavior*. 48, 1519-1528. <https://doi.org/10.1007/s10508-018-1355-8>

Pew Research Center (2018a). *Social Media Use in 2018*. Retrieved from: <https://www.pewinternet.org/2018/03/01/social-media-use-in-2018/>

Pew Research Center (2018b). *Teens' Social Media Habits and Experiences*. Retrieved from : <https://www.pewresearch.org/internet/2018/11/28/teens-social-media-habits-and-experiences/>

Plastino, C.A (2014). *Vida, criatividade e sentido no pensamento de Winnicott*. Rio de Janeiro: Garamond.

Ponciano, E. L. T. & Féres-Carneiro, T. (2014) Relação Pais-Filhos na Transição para a Vida Adulta, Autonomia e Relativização da Hierarquia. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 27 (2), p. 388-397.

Ponte, C. (2017). Crescendo entre culturas digitais nas últimas décadas. In N.L. Lima, M.R. Nobre, V. C. Dias, M.Stengel (Orgs.) *Juventude e cultura digital: diálogos interdisciplinares* (pp. 33-45). Belo Horizonte: Ed.Artesã,

Prioste, C. (2016). *O adolescente e a internet: laços e embaraços no mundo virtual*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

Rice, R.E., Shepherd, A., Dutton, W.H., Katz, J.E. (2007). Social interaction and the Internet: A comparative analysis of surveys in the US

and Britain. In A.N. Joinson, K.Y.A. McKenna, T. Postmes & U-F. Reips (Orgs.). *The Oxford Handbook of Internet Psychology* (pp.7-31). New York: Oxford University Press.

Rideout, V. (2017). *The Common Sense census: Media use by kids age zero to eight*. San Francisco, CA: Common Sense Media.

Rideout, V. & Robb, M. B. (2018). *Social media, social life: Teens reveal their experiences*. San Francisco, CA: Common Sense Media.

Robb, M. B., Bay, W., & Vennegaard, T. (2019). *The new normal: Parents, teens, and mobile devices in Mexico*. San Francisco, CA: Common Sense Media.

Romão-Dias, D. & Nicolaci-da-Costa, A. M. (2005). Eu posso me ver como sendo dois, três ou mais: algumas reflexões sobre a subjetividade contemporânea. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 25(1), 70-87.

Romão-Dias, D. & Nicolaci-da-Costa, A.M. (2012). O brincar e a realidade virtual. *Cadernos de psicanálise (Rio de Janeiro)*, 34(26), 85-101.

Rousseau, J.J. (1995). *Emílio ou da Educação*. 3.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Santrock, J.W (2014). *Adolescência* (14ª ed). Porto Alegre: AMGH.

Savage, J. (2009). *A criação da juventude: como o conceito de teenage revolucionou o século XX*. Rio de Janeiro: Rocco.

Sawyer, S.M; Azzopardi, P.S; Wickremarathne, D; Patton, G.C. (2018), The age of adolescence, *The Lancet Child & Adolescent Health*, 2(3), 223-228.

Schimmel-Bristow, A., Ahrens, K.R. (2018). Technology Use Among Special Populations. In: Moreno M., Radovic A. (eds) *Technology and Adolescent Mental Health*. Springer, Cham.

Selki, E.; Adkins, V.; Masters, E.; Bajpai, A.; Shumer, D. (2019). Transgender Adolescents' Uses of Social Media for Social Support. *Journal of Adolescent Health*.
<https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2019.08.011>.

Shirky, C. (2011). *A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar.

Stambler (2017). 100 Years of Adolescence and its Prehistory From Cave to Computer. *The Psychoanalytic Study of the Child*, 70(1), 22-39.

- Standlee, A. (2016). Technology and Making-Meaning in College Relationships: Understanding Hyper-Connection. *Qualitative Sociology Review*, 12(2).
- Sugarman, A. (2017) The Transitional Phenomena Functions of Smartphones for Adolescents, *The Psychoanalytic Study of the Child*, 70:1, 135-150, DOI: 10.1080/00797308.2016.1277881
- Tisseron, S (2015). *Sonhar, fantasia, virtualizar: do virtual psíquico ao virtual digital*. São Paulo: Edições Loyola.
- Tisseron, S. (2007). Le virtuel à l'adolescence : autodestruction ou autothérapie ? *Neuropsychiatrie de l'enfance et de l'adolescence*, 55, 264-268.
- Turkle, S. (1997). *Life on the screen: identity on the age of the Internet*. New York: Touchstone.
- Turkle, S. (2011) *Alone Together: Why We Expect More from Technology and Less from Each Other*. Nova York: Basic Books.
- Turkle, S. (2012, abril 3). Connected, but alone? Acesso em: <https://www.youtube.com/watch?v=t7Xr3AsBEK4>
- United Nations Children's Fund-Unicef (2017). *The state of the world's children 2017: children in a digital world*. New York: Unicef.
- Vinuto, J. (2014). A amostragem em Bola de Neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, 44, 201-218.
- Winnicott, D. W (2008). *A criança e seu mundo*. [s.l.]: LTC. (Trabalho original publicado em 1964).
- Winnicott, D. W. (1998) *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. [s.l.]: Artes médicas. (Trabalho original publicado em 1958).
- Winnicott, D. W. (2005). *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes.
- Winnicott, D. W. (2012). *Privação e Delinquência*. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes (Trabalho original publicado em 1896-1971).
- Winnicott, D.W. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.
- Winnicott, D.W. (1999). *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martin Fontes.
- Winnicott, D.W. (2011). *A família e o desenvolvimento individual*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes.

Xu, J.L (2017). Research on the Relationship among Phone Addiction, Social Anxiety and Loneliness in High School Students. *Open Journal of Social Sciences*, 5, 18-24. <https://doi.org/10.4236/jss.2017.56003>.

Young, K et al. (2011) *Dependência de Internet: Manual e Guia de Avaliação e Tratamento*. Porto Alegre: Artmed.

Youtube (2019). *Sobre o Youtube*. Acesso em <https://www.youtube.com/intl/pt-BR/yt/about/>

Zervoulis, K.; Smith, D.; Reed, R. e Dinos, S. (2019). Use of 'gay dating apps' and its relationship with individual well-being and sense of community in men who have sex with men, *Psychology & Sexuality*. doi: 10.1080/19419899.2019.1684354